

FON
FON



229

BHSC
44



april 1952

Rio de Janeiro, 1 de Março de 1952
A Revista feita para o lar
CoS 4,00 em todo o Brasil — N° 2342

Segunda feira

CULINARIA
DE
BOM GOSTO

Terça feira

ASSOCIAÇÃO
DAS
DONAS DE
CASA

Quarta feira

ARTE
DE SER BELA

Quinta feira

ASSOCIAÇÃO
DAS
DONAS DE
CASA

Sexta feira

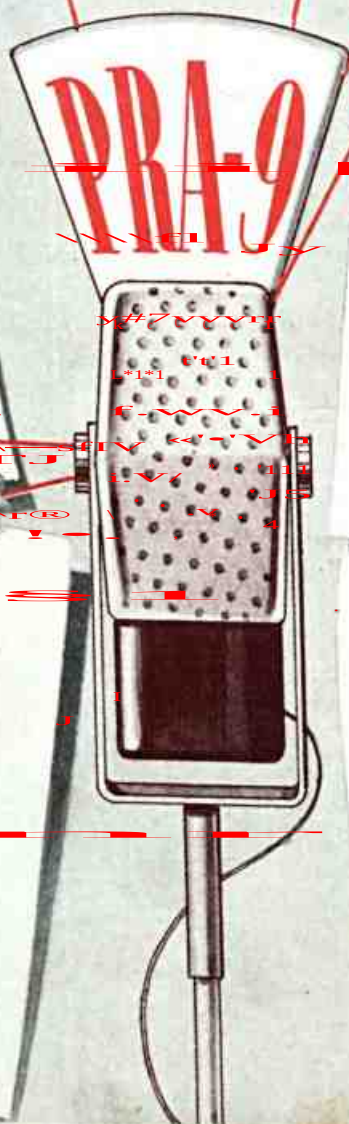
MODAS
DE
FON-FON

Sabado

CAMPANHA DA
BOA VONTADE

FON-FON

apresenta todos os dias das 14 às 14.30, um programa feminino para as suas leitoras de todo o Brasil. Ouçam na sua "PRA 9", Radio Mayrink Veiga, naquele horário, os programas organizados por FON-FON especialmente para a mulher brasileira. "FON-FON" a revista feita para o lar



INVENTARIO - BN

00.145.349-1

Maiô BIKINI

MALUM DE OURO PRETO

NÃO é por puritanismo nem nada disso, mas francamente, eu não gosto de maiô bikini. Não acho propriamente indecente, mas feio, antiestético, não segue as linhas naturais do corpo, deforma, corta, é dessas coisas que, a meu ver, não ficariam bem na pré-pria Vênus de Milo, ou outra Vênus qualquer... Mas, apesar disso, está sendo cada vez mais adotado nas praias do mundo.

Uma amiga minha, recém-chegada da Europa, contou-me que em Cannes causara uma grande sensação na praia por não estar de bikini. Parece que todos os demais banhistas olhavam ao espanto seu discreto lastex americano, fitando-a como se estivesse indecentemente trajada. Chegaram a perguntar-lhe se tinha no corpo algum ecsema que queria esconder! Depois de alguns dias, para não continuar chamando atenção, virou-se obrigada a usar também bikini... "Brasil!" — comentou ela — "está só começando, é raro, mas daqui a pouco você vai ver! O se usará outra coisa, inclusive os homens, pois imagine que há também bikinis para homens..."

Conversando com ela recordei uma cena engraçada que havia assistido há dias, num dos tantos isolados da Guanabara, esta Guanabara recém-descoberta pelos cartocas, que agora se che de velas e lanchas, transformando-se numa espécie de parque de diversões marinho. Encontrando um barco amigo, paramos numa praia sossegadamente poética, e estendidos na areia, à sombra de amendoeiras, aproveitamos a doçura da manhã, quando de repente apareceu na lancha desconhecida que logo despertou nossa curiosidade. "Quem será? Quem não será? De Niterói!" — concluímos. "De Niterói, é isso mesmo!"

Era uma lancha positivamente família, tendo como tripulantes um casal e três crianças. Mãe, que não estava de maiô, também não estava elegantemente de "shorts" ou "slacks", usava um prosaico vestido que nem ao menos era cotado; ficou a bordo. O pai, um senhor já meio velho, com uma roupa de lã preta completamente fora de moda, pois tinha camiseta, desceu acompanhado pelos filhos, que estavam... completamente nus, nus, nusinhos da siva, nusinhos como Deus os fêz...

As crianças, que deveriam ter de 5 a 7 anos, pularam, deram, gritaram, brincaram, deram-se caldos e empurram, divertindo-se alegremente, completamente inconscientes da nudez, e da emoção que causavam a nós, primários ocupantes da praia. "Que coisa!" — diziam as senhoras do alto da superioridade de seus "shorts" de linho, de lastex e floridas duas peças. "Que vergonha! Recem índios, selvagenzinhos... Onde é que já se viu... Veria ser proibido! Afinal já são bem grandinhos..."

A cena inocente não justificava em absoluto tal indignação. Mas tínhamos que protestar! No fundo o que tínhamos era uma inveja louca, quase descontrolada, das crianças despidas e despreocupadas, gozando inculpa e completamente o contato da água fresca, sem que quebravam convenções, e felizes na ignorância que dentro em pouco aquele divertimento lhes seria vedado...

Contando o caso a minha amiga que scandalizara a nação banhista de Cannes por não estar de bikini, não deixou de rir de mim mesma e do meu grapo, chocado com três crianças despidas! Pobrezinhos! Que aprofundem bem... Não têm muito tempo... Daqui há pouco não de maiô, bikini, creio eu... pois partindo dos tempos da nudez e do maiô inteiro, dentro em breve nós nos encontraremos num meio termo bikini.



Os Vícios Dos Jovens Coçam Em Casa

NAO SÃO OS "NIGHT CLUBS" OU OS BOTEQUINS QUE LEVAM OS RAPAZINHOS E AS MOÇINHAS AOS VICIOS. ESTES COMEÇAM EM CASA... POR QUE? SIMPLEMENTE PORQUE OS PAIS VIRAM AS COSTAS... GLADYS COOKE

ESTA havendo uma reunião de jovens, com bebidas, na rua tal, número tal! informou a polícia um pai alarmado. — Minha filha acaba de chegar de lá. São duas mocinhas e onze rapaziinhos.

Na manhã seguinte, as duas policiais femininas do Departamento de Polícia conseguiram localizar as duas moças: — vamos chama-las Joan e Grace. Ambas confessaram que estiveram a fazer experiências sexuais que escandalizaram até mesmo as duas policiais, de idade um tanto avançada.

Contaram as duas mocinhas que um grupo tinha combinado fazer uma reunião na casa de um dos rapaziinhos, cujos pais estavam fora. Alice, que também foi convidada (Alice é a filha do que telefonou à polícia), logo no princípio se sentiu mal com a bebida, e, vendo Joan e Grace subirem as escadas, seguidas pelos rapaziinhos, tratou de fugir para casa.

PAIS DELINQUENTES

Tanto Joan como Grace eram moças de excelentes famílias! Ambas eram filhas únicas e tinham ampla liberdade. Por que chegaram àquele ponto? Como sempre é fácil ver: a culpa era do lar. As atitudes das duas mocinhas eram o resultado dos choques sofridos em casa. Sinal evidente de que alguma coisa errada havia por lá. Nos quinze anos que passei servindo à Polícia americana, ficou provado que os jovens aprendem os vícios não nos "night clubs" e botequins, mas sim em casa.

A tragédia disso tudo é que o trabalho da polícia é feito depois dos fatos consumados. Podemos policiar os danceings e clubes noturnos, mas não podemos penetrar nos lares. Só os pais podem policiar suas próprias casas.

No caso de Joan e Grace, os pais não queriam que os amigos de suas filhas fossem desarumarem seus apartamentos, porque estes eram bonitos e elegantes demais. Nenhuma das duas era bonita e nenhuma levava uma vida social satisfatória. Como resultado, resolveram empregar-se como guardas de crianças, a fim de ter uma sala onde receber seus amigos. Enquanto as crianças ficavam dormindo nos quartos, elas recebiam os seus "amiguinhos" na sala. É claro que, tudo isso, porque os pais das ditas crianças estavam fora de casa.

Parece um empreguelho muito inocente, esse de tomar conta de crianças enquanto os pais saem, no entanto nosso Departamento vive cheio de chamados por causa disso. É muito comum os pais cansados das lidas de durante o dia, quere-rem ir ao cinema de noite; para isso contratam essas guardas de crianças, chamadas "baby sitters" (porque ficam sentadas ao lado das crianças). Muitas vezes nem as conhecem; só sabem delas o nome e o número do telefone. Não há muito tempo, um casal que quis ir ao cinema, contratou uma dessas moças para ficar com seus filhos. A moça telefonou a uma porção de amigos e fez uma bruta farra no apartamento; chegaram a cortar com tesouras as cortinas, quebra-

ram uma cama, fizeram o diabo, e depois fugiram, apavorados com as consequências. Os pais, ao chegar do cinema, encontraram a casa daquela maneira e os filhos sózinhos.

OS JOVENS PRECISAM DE PROTEÇÃO

Por sua vez, os pais dessas "baby sitters" não deviam deixar que elas se empregassem com tanta facilidade, sem uma série de informações. É muito comum recebermos queixas de vizinhos de apartamentos onde se estão passando cenas incri-

veis. Quando, então, os pais entregam a casa a uma jovem desconhecida, para passar a noite fora, num hotel, é que a situação pode ser mesmo séria. Já sabemos que quase sempre a coisa se passa assim: mal os pais viram as costas, o telefone



funciona e os amiguinhos começam a chegar.

Numa dessas reuniões, várias das mocinhas convidadas saíram com os rapaziinhos à meia-noite e só voltaram para casa no dia seguinte de manhã. Os pais estavam muito tranquilos, pensando que elas tinham passado a noite tomando conta de crianças.

Há pouco tempo houve um caso lamentável de uma mocinha de 18 anos encontrada quase morta numa estrada de rodagem. Seu estrangulador, rapaz também de 18 anos, de boa família, tinha bebido demais numa dessas reuniões sem "chaperon", num subúrbio de Nova Iorque. No tribunal, ele declarou que frequentava muito essas reuniões em apartamentos, a convite das "baby sitters". Encomendavam bebidas pelo telefone e punham na conta do dono da casa. E assim os menores se embriagavam quanto queriam.

Nossa cidade, como muitas outras, tem as suas leis que proíbem a venda de bebidas a menores. Mas não tem nenhuma lei que impeça a venda de bebidas a menores a domicílio.

Infelizmente também não temos nenhuma lei que obrigue as meninas a se comportar bem, a dizer a verdade aos pais e estes a saberem que é que as filhas andam fazendo. É muito comum ouvir-se de uma mãe: — Betty foi passar a noite em casa de Mary. E nem sabe quem é Mary ao certo!

A mesma falta de cuidado aos pais em relação aos filhos permite que as mocinhas desenvolvam o hábito do furto. Nós, policiais, podemos dizer há quanto tempo uma moça vem roubando, ao ver que espécie de objeto ela roubou. Seguem determina-

do padrão. Por exemplo, a princípio começam por chicletes, balas e revistas de quadrinhos — tudo roubado na loja da esquina. Se conseguem escapar com isso, a seguir furtarão pomadas para a pele, depois joias de fantasia. Blusas, sweaters e saias, vêm a seguir.

BOTAR NA CONTA DOS PAIS É UM PERIGO

Num errado gesto de generosidade, os pais deixam muitas vezes suas filhas botar as compras na conta da casa. Esse é um hábito perigoso. Conduz à "fraude da compra" — muitas vezes o primeiro passo para o furto. Há pouco tempo oito moças foram presas por estarem furtando numa loja. Interrogadas, ficou apurado que todas tinham começado com essa "fraude da compra". Isto é, comprando coisas e botando na conta dos amigos de seus pais.

Chamados à polícia, os pais viram o erro cometido. Sete dessas moças nunca passaram dificuldades. Com a oitava, o caso era outro. Seus pais recusaram-se a ir à polícia. Ficou apurado que a moça era de péssimo procedimento.

Muitas vezes, como era o caso dessa moça, as juvenzinhas se encenam com "um caso". Esse caso mantem-nas amarradas, por questões de medo. Se elas querem livrar-se do sujeito, ele ameaça aparecer na casa delas, contando a verdade. E assim vai obtendo tudo. Elas passam a roubar para ele.

Muitos pais avisam às filhas que tomem cuidado e não aceitem presentes nem bombons de desconhecidos, mas esquecem-se de lhes recomendar que tomem muito cuidado justamente com os conhecidos. A verdade bru-

(Continua na página 50)





Mas, dessa vez não sorria e as suas primeiras palavras foram amargas: — Quinze dias ou mais que não nos vemos, e tu vens com atrazo de meia hora.

CAPITULO VI

Quando a viu entrar, após meia hora de espera, sentiu uma sensação de libertação, e compreendeu que a contrariedade da espera tinha sido maior do que imaginara. Em outras vezes distraira-se ao esperá-la, e quando ela aparecia, sentia quase sempre surpresa, como se a tivesse esquecido, e depois sorria alegremente. Mas dessa vez não sorriu e as suas primeiras palavras foram amargas: — Quinze dias ou mais que não nos vemos, e tu vens com atrazo de meia hora!

— Não pude vir antes, peço-te desculpas. Sentou-se e voltou os olhos para trás como tementoso ser vista por alguém. Súbito, ele viu a mudança, mas não pôde calcular a razão dessa mudança. Emagrecera e estava mais pálida, mas os seus traços pareciam mais finos e com uma luminosidade nova, como se o reflexo de uma luz invisível se difundisse em seu rosto. Depois, passou a apresentar para recusar-se? Para dizer que não, era preciso declarar pelo menos que estava noiva de outro: sabes que isto não é verdade. E para dizer a verdade, a outra verdade, não tive coragem não ou sei provocar o estupro e a cólera dos meus. Tive também medo de comprometer-te, que sei eu? talvez fazer-te mal. As minhas irmãs andam com medo, são tuas amigas. Não, compreende-me, não podia dizer nada.

Falou com tanta simplicidade e sinceridade, que Clara não pôde deixar de rir, o que dizer: claro, que não era sua noiva, nunca lhe falara de casamento; se ela lhe tivesse falado nisso, Deus sabe como ele se teria aborrecido! Não havia nada a dizer: a família aceitara para ela um partido "conveniente"; na sua idade, um casamento bom não era coisa de se desprezar, mas sim fortuna inesperada que se aceita com um pouco de resignação.

Porém, o cintilar daquela brilhante contrariava-o. Muito conveniente mesmo esse partido, — disse, pondo-se a fumar com o ar de quem se instala para longo colloquio, não lhe tendo passado despercebido a olhada que ela lançou ao seu relógio de pulso. — Encontro-te toda vestida de novo, paramentada dos pés à cabeça; então, o tipo da noiva adequada?

Tadrisa a bondade dos meus, — disse ela, embalsamada. A madrasia não a deixara nem mais um movimento em pé; na compra do enxoval, dos vestidos e chapéus, prouca sobre passas, conferências com a costureira para Glória, uma ociosidade que a rejuvenesceu, mais do que se tratasse do casamento de uma de suas filhas. Agora, depois disso, ela se estivesse mostrando tão generosa, onde marcaram encontro antes do meio-dia, para uma prova, — disse Deus com que impaciência batia no chão o pézinho, sem compreender aquele atrazo... No entanto, Clara não ousava mais olhar a hora, sob o olhar escarlate e inquietante de Piero, como se a paralisasse o exame implacável daqueles olhos brilhantes e duros que viram

alguma herança? — Tantas vezes ele brincara com a sua bolsa, abria-a e fechando-a, e às vezes remexendo-a também, com uma curiosidade um pouco indiscreta e maligna, mas sem suspeita de ciúme. Quantas vezes lhe dissera que o interior de uma bolsa, se não é impecável, pode despojar o homem mais apaixonado; existiam mulheres que são elegantíssimas, e trazem na bolsa o lenço sujo, o rebuçado farrigoso, a caixinha do pó-de-rosas entalhada, sujando tudo, brêlvetes vazios ou pastilhas para tosse caídas ao fundo, pedacinhos de tecido, chaves...

— Deixadas? A palavra vibrante e o gesto impulsivo, com que ela tentou tomar-lhe a bolsa, fizeram-no desconfiar. — Por que?... Há qualquer coisa aqui dentro que eu não deves ver? Meteu a mão lá dentro para mexer e após um momento, enquanto o seu rosto se contraiu numa expressão dura de estupro e desconflança, trouxe para fora com a ponta dos dedos um anel que cintilou

Inverossimilmente à luz cinzenta daquela salinha de café modesto. Era um grande brilhante cravejado em platina, que, sendo verdadeiro, devia valer trinta mil.

— Sim, é verdadeiro mesmo... — disse Piero com uma estranha voz má e com um riso estridente que fez a Clara remeter os outros paulatinos frequentadores do local, que iam, fumando, os seus jornais. O gargon também voltou-se e, atraído por aquele esplendor suspeito, aproximou-se de Clara, sem perder de vista a brilhante jóia.

— É verdadeiro mesmo, não há dúvida. Puxa! que beleza! Estão nos olhando — estás vendo? — como se fôssemos ladrões que dividem os lucros. Onde é que pudes-te cavar isto? Vais levá-lo ao prego? É de tua madrinha?

— É meu, — disse Clara, que pareceu tirar do seu tom irônico e áspero a coragem de falar. Torceu as luvas, com calma forçada, segurou o anel que ela colocara sobre o mármore da mesinha de café, e não anulara o seu brilho.

— Que queres dizer com isso? — Bem... não é bem assim que eu queria anunciar-te o fato... Há já muitos dias que queria falar-te, mas foste emborã... — Ah, e não podias escrever-me essa coisa tão importante que tinhas para dizer-me? — Escrever... Não seria prudente. Prefiro dizer-te de viva voz. Pois bem... sim, fui pedida em casamento...

— E aceitaste, evidentemente, — disse ele indicando com o queixo o anel que lhe brilhava no dedo.

— Não podia fazer doutro modo, Piero. Sabes como é a minha família: meu pai... sua mulher... conheces o estado que se fez no qual tenho vivido sempre. O primeiro foi feito primeiro a meu pai, antes de ser feito a mim, e como se tratava de um partido conveniente... ele, nem por um momento, pôs em dúvida que eu o aceitasse. Tive que dizer-lhe de olhos fechados... Na verdade, que pretexto poderia eu apresentar para recusar-lhe? Para dizer que não, era preciso declarar pelo menos que estava noiva de outro: sabes que isto não é verdade. E para dizer a verdade, a outra verdade, não tive coragem não ou sei provocar o estupro e a cólera dos meus. Tive também medo de comprometer-te, que sei eu? talvez fazer-te mal. As minhas irmãs andam com medo, são tuas amigas. Não, compreende-me, não podia dizer nada.

Falou com tanta simplicidade e sinceridade, que Clara não pôde deixar de rir, o que dizer: claro, que não era sua noiva, nunca lhe falara de casamento; se ela lhe tivesse falado nisso, Deus sabe como ele se teria aborrecido! Não havia nada a dizer: a família aceitara para ela um partido "conveniente"; na sua idade, um casamento bom não era coisa de se desprezar, mas sim fortuna inesperada que se aceita com um pouco de resignação.

Porém, o cintilar daquela brilhante contrariava-o. Muito conveniente mesmo esse partido, — disse, pondo-se a fumar com o ar de quem se instala para longo colloquio, não lhe tendo passado despercebido a olhada que ela lançou ao seu relógio de pulso. — Encontro-te toda vestida de novo, paramentada dos pés à cabeça; então, o tipo da noiva adequada?

Tadrisa a bondade dos meus, — disse ela, embalsamada. A madrasia não a deixara nem mais um movimento em pé; na compra do enxoval, dos vestidos e chapéus, prouca sobre passas, conferências com a costureira para Glória, uma ociosidade que a rejuvenesceu, mais do que se tratasse do casamento de uma de suas filhas. Agora, depois disso, ela se estivesse mostrando tão generosa, onde marcaram encontro antes do meio-dia, para uma prova, — disse Deus com que impaciência batia no chão o pézinho, sem compreender aquele atrazo... No entanto, Clara não ousava mais olhar a hora, sob o olhar escarlate e inquietante de Piero, como se a paralisasse o exame implacável daqueles olhos brilhantes e duros que viram

alguma herança? — Tantas vezes ele brincara com a sua bolsa, abria-a e fechando-a, e às vezes remexendo-a também, com uma curiosidade um pouco indiscreta e maligna, mas sem suspeita de ciúme. Quantas vezes lhe dissera que o interior de uma bolsa, se não é impecável, pode despojar o homem mais apaixonado; existiam mulheres que são elegantíssimas, e trazem na bolsa o lenço sujo, o rebuçado farrigoso, a caixinha do pó-de-rosas entalhada, sujando tudo, brêlvetes vazios ou pastilhas para tosse caídas ao fundo, pedacinhos de tecido, chaves...

— Deixadas? A palavra vibrante e o gesto impulsivo, com que ela tentou tomar-lhe a bolsa, fizeram-no desconfiar. — Por que?... Há qualquer coisa aqui dentro que eu não deves ver? Meteu a mão lá dentro para mexer e após um momento, enquanto o seu rosto se contraiu numa expressão dura de estupro e desconflança, trouxe para fora com a ponta dos dedos um anel que cintilou

Inverossimilmente à luz cinzenta daquela salinha de café modesto. Era um grande brilhante cravejado em platina, que, sendo verdadeiro, devia valer trinta mil.

— Sim, é verdadeiro mesmo... — disse Piero com uma estranha voz má e com um riso estridente que fez a Clara remeter os outros paulatinos frequentadores do local, que iam, fumando, os seus jornais. O gargon também voltou-se e, atraído por aquele esplendor suspeito, aproximou-se de Clara, sem perder de vista a brilhante jóia.

— É verdadeiro mesmo, não há dúvida. Puxa! que beleza! Estão nos olhando — estás vendo? — como se fôssemos ladrões que dividem os lucros. Onde é que pudes-te cavar isto? Vais levá-lo ao prego? É de tua madrinha?

— É meu, — disse Clara, que pareceu tirar do seu tom irônico e áspero a coragem de falar. Torceu as luvas, com calma forçada, segurou o anel que ela colocara sobre o mármore da mesinha de café, e não anulara o seu brilho.

— Que queres dizer com isso? — Bem... não é bem assim que eu queria anunciar-te o fato... Há já muitos dias que queria falar-te, mas foste emborã... — Ah, e não podias escrever-me essa coisa tão importante que tinhas para dizer-me? — Escrever... Não seria prudente. Prefiro dizer-te de viva voz. Pois bem... sim, fui pedida em casamento...

— E aceitaste, evidentemente, — disse ele indicando com o queixo o anel que lhe brilhava no dedo.

— Não podia fazer doutro modo, Piero. Sabes como é a minha família: meu pai... sua mulher... conheces o estado que se fez no qual tenho vivido sempre. O primeiro foi feito primeiro a meu pai, antes de ser feito a mim, e como se tratava de um partido conveniente... ele, nem por um momento, pôs em dúvida que eu o aceitasse. Tive que dizer-lhe de olhos fechados... Na verdade, que pretexto poderia eu apresentar para recusar-lhe? Para dizer que não, era preciso declarar pelo menos que estava noiva de outro: sabes que isto não é verdade. E para dizer a verdade, a outra verdade, não tive coragem não ou sei provocar o estupro e a cólera dos meus. Tive também medo de comprometer-te, que sei eu? talvez fazer-te mal. As minhas irmãs andam com medo, são tuas amigas. Não, compreende-me, não podia dizer nada.

Falou com tanta simplicidade e sinceridade, que Clara não pôde deixar de rir, o que dizer: claro, que não era sua noiva, nunca lhe falara de casamento; se ela lhe tivesse falado nisso, Deus sabe como ele se teria aborrecido! Não havia nada a dizer: a família aceitara para ela um partido "conveniente"; na sua idade, um casamento bom não era coisa de se desprezar, mas sim fortuna inesperada que se aceita com um pouco de resignação.

Porém, o cintilar daquela brilhante contrariava-o. Muito conveniente mesmo esse partido, — disse, pondo-se a fumar com o ar de quem se instala para longo colloquio, não lhe tendo passado despercebido a olhada que ela lançou ao seu relógio de pulso. — Encontro-te toda vestida de novo, paramentada dos pés à cabeça; então, o tipo da noiva adequada?

Tadrisa a bondade dos meus, — disse ela, embalsamada. A madrasia não a deixara nem mais um movimento em pé; na compra do enxoval, dos vestidos e chapéus, prouca sobre passas, conferências com a costureira para Glória, uma ociosidade que a rejuvenesceu, mais do que se tratasse do casamento de uma de suas filhas. Agora, depois disso, ela se estivesse mostrando tão generosa, onde marcaram encontro antes do meio-dia, para uma prova, — disse Deus com que impaciência batia no chão o pézinho, sem compreender aquele atrazo... No entanto, Clara não ousava mais olhar a hora, sob o olhar escarlate e inquietante de Piero, como se a paralisasse o exame implacável daqueles olhos brilhantes e duros que viram

alguma herança? — Tantas vezes ele brincara com a sua bolsa, abria-a e fechando-a, e às vezes remexendo-a também, com uma curiosidade um pouco indiscreta e maligna, mas sem suspeita de ciúme. Quantas vezes lhe dissera que o interior de uma bolsa, se não é impecável, pode despojar o homem mais apaixonado; existiam mulheres que são elegantíssimas, e trazem na bolsa o lenço sujo, o rebuçado farrigoso, a caixinha do pó-de-rosas entalhada, sujando tudo, brêlvetes vazios ou pastilhas para tosse caídas ao fundo, pedacinhos de tecido, chaves...

— Deixadas? A palavra vibrante e o gesto impulsivo, com que ela tentou tomar-lhe a bolsa, fizeram-no desconfiar. — Por que?... Há qualquer coisa aqui dentro que eu não deves ver? Meteu a mão lá dentro para mexer e após um momento, enquanto o seu rosto se contraiu numa expressão dura de estupro e desconflança, trouxe para fora com a ponta dos dedos um anel que cintilou

a sua mudança externa à luz da lâmpada e acabaram por encontrá-la. Ela não pôde deixar de rir, o que dizer: claro, que não era sua noiva, nunca lhe falara de casamento; se ela lhe tivesse falado nisso, Deus sabe como ele se teria aborrecido! Não havia nada a dizer: a família aceitara para ela um partido "conveniente"; na sua idade, um casamento bom não era coisa de se desprezar, mas sim fortuna inesperada que se aceita com um pouco de resignação.

Porém, o cintilar daquela brilhante contrariava-o. Muito conveniente mesmo esse partido, — disse, pondo-se a fumar com o ar de quem se instala para longo colloquio, não lhe tendo passado despercebido a olhada que ela lançou ao seu relógio de pulso. — Encontro-te toda vestida de novo, paramentada dos pés à cabeça; então, o tipo da noiva adequada?

Tadrisa a bondade dos meus, — disse ela, embalsamada. A madrasia não a deixara nem mais um movimento em pé; na compra do enxoval, dos vestidos e chapéus, prouca sobre passas, conferências com a costureira para Glória, uma ociosidade que a rejuvenesceu, mais do que se tratasse do casamento de uma de suas filhas. Agora, depois disso, ela se estivesse mostrando tão generosa, onde marcaram encontro antes do meio-dia, para uma prova, — disse Deus com que impaciência batia no chão o pézinho, sem compreender aquele atrazo... No entanto, Clara não ousava mais olhar a hora, sob o olhar escarlate e inquietante de Piero, como se a paralisasse o exame implacável daqueles olhos brilhantes e duros que viram

alguma herança? — Tantas vezes ele brincara com a sua bolsa, abria-a e fechando-a, e às vezes remexendo-a também, com uma curiosidade um pouco indiscreta e maligna, mas sem suspeita de ciúme. Quantas vezes lhe dissera que o interior de uma bolsa, se não é impecável, pode despojar o homem mais apaixonado; existiam mulheres que são elegantíssimas, e trazem na bolsa o lenço sujo, o rebuçado farrigoso, a caixinha do pó-de-rosas entalhada, sujando tudo, brêlvetes vazios ou pastilhas para tosse caídas ao fundo, pedacinhos de tecido, chaves...

— Deixadas? A palavra vibrante e o gesto impulsivo, com que ela tentou tomar-lhe a bolsa, fizeram-no desconfiar. — Por que?... Há qualquer coisa aqui dentro que eu não deves ver? Meteu a mão lá dentro para mexer e após um momento, enquanto o seu rosto se contraiu numa expressão dura de estupro e desconflança, trouxe para fora com a ponta dos dedos um anel que cintilou

Inverossimilmente à luz cinzenta daquela salinha de café modesto. Era um grande brilhante cravejado em platina, que, sendo verdadeiro, devia valer trinta mil.

— Sim, é verdadeiro mesmo... — disse Piero com uma estranha voz má e com um riso estridente que fez a Clara remeter os outros paulatinos frequentadores do local, que iam, fumando, os seus jornais. O gargon também voltou-se e, atraído por aquele esplendor suspeito, aproximou-se de Clara, sem perder de vista a brilhante jóia.

— É verdadeiro mesmo, não há dúvida. Puxa! que beleza! Estão nos olhando — estás vendo? — como se fôssemos ladrões que dividem os lucros. Onde é que pudes-te cavar isto? Vais levá-lo ao prego? É de tua madrinha?

— É meu, — disse Clara, que pareceu tirar do seu tom irônico e áspero a coragem de falar. Torceu as luvas, com calma forçada, segurou o anel que ela colocara sobre o mármore da mesinha de café, e não anulara o seu brilho.

— Que queres dizer com isso? — Bem... não é bem assim que eu queria anunciar-te o fato... Há já muitos dias que queria falar-te, mas foste emborã... — Ah, e não podias escrever-me essa coisa tão importante que tinhas para dizer-me? — Escrever... Não seria prudente. Prefiro dizer-te de viva voz. Pois bem... sim, fui pedida em casamento...

— E aceitaste, evidentemente, — disse ele indicando com o queixo o anel que lhe brilhava no dedo.

— Não podia fazer doutro modo, Piero. Sabes como é a minha família: meu pai... sua mulher... conheces o estado que se fez no qual tenho vivido sempre. O primeiro foi feito primeiro a meu pai, antes de ser feito a mim, e como se tratava de um partido conveniente... ele, nem por um momento, pôs em dúvida que eu o aceitasse. Tive que dizer-lhe de olhos fechados... Na verdade, que pretexto poderia eu apresentar para recusar-lhe? Para dizer que não, era preciso declarar pelo menos que estava noiva de outro: sabes que isto não é verdade. E para dizer a verdade, a outra verdade, não tive coragem não ou sei provocar o estupro e a cólera dos meus. Tive também medo de comprometer-te, que sei eu? talvez fazer-te mal. As minhas irmãs andam com medo, são tuas amigas. Não, compreende-me, não podia dizer nada.

Falou com tanta simplicidade e sinceridade, que Clara não pôde deixar de rir, o que dizer: claro, que não era sua noiva, nunca lhe falara de casamento; se ela lhe tivesse falado nisso, Deus sabe como ele se teria aborrecido! Não havia nada a dizer: a família aceitara para ela um partido "conveniente"; na sua idade, um casamento bom não era coisa de se desprezar, mas sim fortuna inesperada que se aceita com um pouco de resignação.

Porém, o cintilar daquela brilhante contrariava-o. Muito conveniente mesmo esse partido, — disse, pondo-se a fumar com o ar de quem se instala para longo colloquio, não lhe tendo passado despercebido a olhada que ela lançou ao seu relógio de pulso. — Encontro-te toda vestida de novo, paramentada dos pés à cabeça; então, o tipo da noiva adequada?

Tadrisa a bondade dos meus, — disse ela, embalsamada. A madrasia não a deixara nem mais um movimento em pé; na compra do enxoval, dos vestidos e chapéus, prouca sobre passas, conferências com a costureira para Glória, uma ociosidade que a rejuvenesceu, mais do que se tratasse do casamento de uma de suas filhas. Agora, depois disso, ela se estivesse mostrando tão generosa, onde marcaram encontro antes do meio-dia, para uma prova, — disse Deus com que impaciência batia no chão o pézinho, sem compreender aquele atrazo... No entanto, Clara não ousava mais olhar a hora, sob o olhar escarlate e inquietante de Piero, como se a paralisasse o exame implacável daqueles olhos brilhantes e duros que viram

alguma herança? — Tantas vezes ele brincara com a sua bolsa, abria-a e fechando-a, e às vezes remexendo-a também, com uma curiosidade um pouco indiscreta e maligna, mas sem suspeita de ciúme. Quantas vezes lhe dissera que o interior de uma bolsa, se não é impecável, pode despojar o homem mais apaixonado; existiam mulheres que são elegantíssimas, e trazem na bolsa o lenço sujo, o rebuçado farrigoso, a caixinha do pó-de-rosas entalhada, sujando tudo, brêlvetes vazios ou pastilhas para tosse caídas ao fundo, pedacinhos de tecido, chaves...

— Deixadas? A palavra vibrante e o gesto impulsivo, com que ela tentou tomar-lhe a bolsa, fizeram-no desconfiar. — Por que?... Há qualquer coisa aqui dentro que eu não deves ver? Meteu a mão lá dentro para mexer e após um momento, enquanto o seu rosto se contraiu numa expressão dura de estupro e desconflança, trouxe para fora com a ponta dos dedos um anel que cintilou

Inverossimilmente à luz cinzenta daquela salinha de café modesto. Era um grande brilhante cravejado em platina, que, sendo verdadeiro, devia valer trinta mil.

— Sim, é verdadeiro mesmo... — disse Piero com uma estranha voz má e com um riso estridente que fez a Clara remeter os outros paulatinos frequentadores do local, que iam, fumando, os seus jornais. O gargon também voltou-se e, atraído por aquele esplendor suspeito, aproximou-se de Clara, sem perder de vista a brilhante jóia.

— É verdadeiro mesmo, não há dúvida. Puxa! que beleza! Estão nos olhando — estás vendo? — como se fôssemos ladrões que dividem os lucros. Onde é que pudes-te cavar isto? Vais levá-lo ao prego? É de tua madrinha?

— É meu, — disse Clara, que pareceu tirar do seu tom irônico e áspero a coragem de falar. Torceu as luvas, com calma forçada, segurou o anel que ela colocara sobre o mármore da mesinha de café, e não anulara o seu brilho.

— Que queres dizer com isso? — Bem... não é bem assim que eu queria anunciar-te o fato... Há já muitos dias que queria falar-te, mas foste emborã... — Ah, e não podias escrever-me essa coisa tão importante que tinhas para dizer-me? — Escrever... Não seria prudente. Prefiro dizer-te de viva voz. Pois bem... sim, fui pedida em casamento...

— E aceitaste, evidentemente, — disse ele indicando com o queixo o anel que lhe brilhava no dedo.

O Segundo AMOR

Romance de CAROLA PROSPER

(Tradução de LAZINHA LUIS CARLOS)

DE CALDAS BRITO)

O POBRE ENSINO SECUNDÁRIO

FOTOS MOZART

J. BANDEIRA NERY

O DESCONTENTAMENTO GENERALIZADO — QUE SE VERIFICA EM RELAÇÃO AO ENSINO SECUNDÁRIO, SOB TODOS OS ASPECTOS, PARTINDO TANTO DE PROFESSORES COMO DE ALUNOS, DOS EDITORES ESPECIALIZADOS EM LIVROS DIDÁCTICOS E TÉCNICOS DO ENSINO, COM ESCANDALOSAMENTE TRISTE REPERCUSSÃO NOS EXAMES VESTIBULARES DAS ESCOLAS SUPERIORES E NOS CONCURSOS PÚBLICOS E PARTICULARES — JUSTIFICA (SÓ POR SI E SEM PRECER) A SÉRIE DE REPORTAGENS — QUE, HOJE, COMEÇAMOS A OFERECER AS LEITORAS DE "FON-FON", DE MODO A ORIENTÁ-LAS NESSE CAOS ONDE SEUS FILHOS SERÃO FATALMENTE IMOLADOS A ESTUPIDEZ E A FALTA DE SENSO COMUM.

APROXIMA-SE O INÍCIO DE NOVO ANO ESCOLAR, OUTRA REFORMA ORTOGRÁFICA ANUNCIA-SE TAMBÉM. MAS, QUE SERÁ DE NOSSOS FILHOS? QUE SERÁ DO FRACASSADO ENSINO SECUNDÁRIO? — QUE DEUS NOS LIVRE DOS HOMENS DE BOAS INTENÇÕES QUE VÃO ENTRAR AGORA EM ATIVIDADE, QUE DEUS NOS LIVRE DOS ACORDEONISTAS ENTRE AS ACADEMIAS PORTUGUESA E BRASILEIRA, QUE DEUS NOS PROTEJA, AMÉM! — AINDA HÁ JUÍZES EM BERLIM E PESSOAS DE BOM SENSO NO BRASIL FELIZMENTE.

Sensão, vejamos:

MARQUES REBELO FALA SOBRE O ENSINO

(Marques Rebelo, uma das expressões mais altas de nossa literatura, e também, há muito tempo, de ensino há quinze anos, como tal, perfeitamente credenciado para tatar do problema).

PARA COMEÇO DE CONVERSA: — ESTÁ TUDO ERRADO!



o sistema atual do ensino secundário está positivamente errado! E, esclareçamos logo, o que entendemos pelo sistema atual é o que vem desde a reforma Francisco Campos, posteriormente mantida por Gustavo Capanema. Este erro é constatável através do

baixíssimo índice de aproveitamento escolar. Coisa de tal modo no domínio público que já não se discute mais.

Assim mesmo vejamos um exemplo: Nos exames vestibulares as reprovações vão a 90 %. Pois bem, se consultarmos as fichas escolares dos candidatos veremos que no curso secundário foram sempre aprovados com notas suficientes.

O PIOR CEGO É O QUE NÃO QUER VER

Esses resultados de desnível, para os cegos do Ministério da Educação, só podiam verificar-se dez anos depois do sistema posto em funcionamento. Isto já aconteceu, e os resultados estão aí gritando por uma solução.

Quanto aos elementos que conseguem escapar nos exames vestibulares, a maioria faz um curso muito precário por falta de base real. E se atentar-

O tempo, o mores... o namorado constitui, também, uma distração que afasta o estudante de seus deveres escolares, os quais se perdem, na realidade, se permitis, o foco central de sua atração e interesse.



mos nos concursos do DASP e também nas provas escritas dos alunos do curso superior, veremos que isto é verdade.

CULPADA A VOLÚPIA DO PERNOSTICISMO CULTURAL

A culpa desse erro é a volúpia do pernosticismo cultural posta em prática. Já dizia o falecido Marques de Maricá que se a Grécia tinha sete sábios, no Brasil só sete não o eram.

O importante não ser humano é ter base sólida de coisas simples e realmente úteis, que o possam capacitar suficientemente quando desejar, ou necessitar, aprofundar-se no campo dos conhecimentos.

COISA PARA MENINO-PRODIGIO

Vamos a um caso prático. É, mentalmente, possível a uma criança média de onze anos de idade (série ginásial) ter dez matérias para estudar? E, na segunda série, com doze anos, ter onze matérias?

Uma criança, por sua natureza, e principalmente dentro dessa idade, é um ser frágil e inconsistente e o Ministério da Educação, através da sua Organização do Ensino Secundário, preparou-se para desorientá-la inteiramente.

TAMBÉM UMA QUESTÃO ECONÔMICA

O que importaria para um Governo, que quer preparar o seu povo para um melhoramento da capacidade produtiva, seria dedicar maior parte de seu orçamento à Educação. Coisa que não é feita. Devia favorecer o povo com o ensino gratuito e isso jamais se fará.

Dentro desse círculo de ferro de tais limitações é preciso apenas ser persistente. E essa persistência se manifesta simplificando-se o sistema educacional secundário, que se transformou num dos melhores negócios neste país de poucos negócios bons.

Transformou-se em negócio pelo seguinte:

O ensino secundário não é gratuito, como já se viu, e não é obrigatório. Mas se o estudante se matricula num colégio fica sujeito, automaticamente, a um regime de tal obrigação

riedade de frequências, de provas, transferências, pagamentos, que ninguém pode ter um curso superior sem passar por esse crivo de tolices, que realmente não têm relação nenhuma com ensino.

A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA É UMA MERCADORIA CARÍSSIMA

Com isto fica criada a mercadoria: Educação Secundária. E como é caríssima, por cima de tanto, a dificuldade econômica é a primeira a corromper os pais que querem ver logo seus filhos livres dessa obrigatoriedade e facilitata a cupidéz dos maus elementos que empregam capitais em colégios. Este segundo ponto é tão sentido pelo Ministério da Educação que o obriga a manter um corpo de inspetores cujas obrigações não são nada simples.

UMA SOLUÇÃO

O que seria lógico é que:

a) — A frequência aos ginásios não fosse obrigatória; que qualquer estudante que desejasse ter seu curso secundário pudesse também prestar exames das matérias da série respectiva num colégio especial. Esta medida facilitaria a recriação de uma consciência de estudante, que se perdeu, e os colégios seriam obrigados, naturalmente, a fornecer um ensino honesto quer pela concorrência, quer pela defesa da reputação de seu negócio.

b) — As matérias básicas do curso secundário seriam aquelas que servissem para levantar o nível médio dos jovens, e não como as atuais, com as quais pensa-se preparar o aluno para um curso superior. Não haveria, pois, tantas matérias e as que ficassem seriam o programa reduzido. Por exemplo, o ensino de línguas: latim, francês e inglês são dispensáveis. O que um homem médio precisa saber bem é a sua língua. Nem se pode acreditar que um ser médio adquira base dessas matérias com duas a três aulas por semana, num período escolar de sete meses, com a média de 56 a 74 aulas. Essas matérias utilíssimas, sem dúvida, seriam estudadas, mais tarde, pelos interessados. E seriam, naturalmente, objeto de estu-



Marques Rebelo

do daqueles que desejassem fazer um curso superior, e teriam seu cabimento dentro do curso clássico, com uma profundidade realmente proveitosa.

Com o desanjo de disciplinas e programas, poderia ser encarado o estudo da língua pátria com um carinho que falta no presente estado de coisas. Tanto que em nenhuma das séries ginásiais é matéria diária. Quando uma pessoa não domina plenamente a sua própria língua, automaticamente ela é uma desajustada em relação ao seu país e não está

(Conclui na página 49)

O velho muitas vezes é o responsável pela dificuldade do jovem estudante, em assimilar seus apontamentos de aula. Ao ligar o aparelho julga poder estudar e ouvi-lo ao mesmo tempo.

Os jovens estudantes, de nossos dias, são solicitados constantemente pelas leituras atraentes e perniciosas das publicações infantis, que fazem concorrência desleal aos livros de estudo.



o HOMEM mais rico de minha TERRA

PAULO SETUBAL

DEZEMBRO. — Antes de ir-me de Tatui, que eu não tornarei a ver tão cedo, preciso falar aqui de um homem rico que lá vive. De um homem rico, rico. Porque, amigo, não sei se você sabe, na minha terra há bastantes homens ricos. Mas esse é o homem mais rico da minha terra. Da minha terra só, não. Pelas cidades em que andei, por países vários em que vivi, eu conheci mais tarde outros homens ricos, outros e muitos, que eram mais ricos do que os homens mais ricos da minha terra. Pois esse, o de que falo aqui, é ainda mais rico do que todos os homens ricos que eu conheci. Pouca gente, na minha terra, sabe disso. Muito pouca gente. Como sabê-lo? Ele é um simples, um humilde, um apagado professor de escola primária. Foi o meu primeiro professor. Chama-se: seu Chico Pereira. Seu Chico morava na mesma rua em que eu morava. A casa dele, lembro-me bem, era uma casinhola baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas, modestíssima. Tinha, dentro, uma desguarnecida varanda telha-vã e umas pobres alcovas atijoladas e tristes. Nessa casa, entravam uns homens maltrapidos, pé-no-chão, que viviam pela cidade ao deus-dará. Todas as tardes, também, à hora do jantar, outros homens, igualmente maltrapidos, igualmente pé-no-chão, entravam silenciosos por aquela casinhola dentro. Já até a cozinha. Ali havia uma comprida mesa de peroba. Naquela mesa de peroba, enegrecida e nua, onde se enfileiravam todos pratos de folha, seu Chico dava de comer aos hóspedes sempre embalsados. Dava de comer com o pouco que lhe sobejava do sustento das irmãs. Porque seu Chico vivia com três irmãs velhas e solteiras. Ele também era solteiro. Diziam que era casto. Era-o, certamente. Pois somente o casto, somente o másculo que subjugou a paixão sordida, poderia atingir a perfeição a que ele atingira. Perfeição que se revelava em tudo. Que se revelava, notadamente, na impressionante igualdade do seu caráter. Nada de brusco, nada de assomado. Tudo, nele, regular e harmonioso. Tinha o andar pausado e a voz lenta. As palavras caíam-lhe da boca medidas e pesadas. Exemplar vivo, exemplar marcante, de que eu me recordarei a vida inteira, do vazo prudente e de bom conselho. Naqueles tempos irreligiosos, de costumes soltos, ele era homem temente a Deus.

lá à igreja todos os domingos, e, todos os domingos, comungava. Foi o único homem que eu vi comungar na minha terra. Foi também, naquele pequenino Tatui de outra, o único vivente que não teve malquerenças políticas. Porque o meu Tatui, meu amigo, foi lugar de tremendas lutas partidárias, lutas assanhadíssimas, em que se disputava o manto a tiro de trabuco. Houve por lá muito assassinio. Mulheres e homens dividiam-se, como onças acuadas, em duas greis que se odiavam. Somente aquele sereno e incontagável professor de primeiras letras, na sua casinhola pintada de azul, com uma porta e duas janelas, não soube nunca o que foi o esbravejar daquelas iras. Ele soube apenas, durante a fervura das contendas, que à dez horas os pobres vinham para o almoço e que às quatro horas vinham para o jantar. Mais nada. Por isso todos os da cidade reverenciavam-no. Por isso, às tardes, quando ele passava pelas ruas, com a sua poída roupa escura, a bengala na mão, todos os da cidade se descobriam com respeito. "Boa tarde, seu Chico." "Boa tarde, seu Chico." Ele ia para o Asilo de São Vicente de Paulo. Este asilo, onde se abrigavam uns velhinhos rotos, descarnados, doentes, fôra obediente paixão daquele homem justo. Ele planejava a obra, lançara a idéia, arrecadara as primeiras dádivas, fizera lançar a pedra inicial. Custara-lhe muito, com as migalhas que lhe arremessavam à sacola, botar a obra de pé. Mas botou. E o asilo, enfim, abriu as portas para receber a chusma encarquilhada dos anelões que o buscavam. E agora, todas as tardes, todas, sem faltar uma, lá ia o São Vicente de Paulo de minha terra visitar os amigos do seu Asilo de São Vicente. Ia com um livro velho na mão. Os pobres, quando ouviam o religio grande bater cinco horas, diziam com segurança:

— Seu Chico está aí.

Não erravam nunca. Cinco horas batidas, seu Chico entrava. Entrava, dependurava o chapéu, encostava a bengala num canto. Boa tarde, seu Chico. Boa tarde, Anastácio, você melhorou do reumatismo? Seu Chico sentava-se à beira da cama em que jazia o Anastácio, encarnado. Assomava logo, de todo o lado, muita cabeça branca. Eram uns cambaleantes trapos humanos, enrugados, macescidos, olhos empacados, varados de doenças que se não curam. Uns ferimentos, outros encatarrados, outros com barriga d'água, todos com

prossas veias saltadas no pescoço. Boa tarde, Libório. Boa tarde, Zeca. Vinham os velhos todos. Cercavam-no. E o Libório contava então a seu Chico que lhe dera de mastilho a sua cacunda. E o Zeca Raivo pedia que lhe arranjasse um cosimento de malva por via do inchamento dos pés. E o Pega-bóia queixava-se de que ouvira muito barulho naquela noite: era gente que queria roubar os oitocentos réis que a mulher do coletor lhe mandara no domingo de entrudo. Eu sei quem é, seu Chico. Eu sei bem quem é. E olhava, com muita intenção, para o Belarmino, o negro, que fora carcereiro do seu Manduca. Seu Chico ouvia a todos. E que paciência. Consolava a todos, tinha uma palavra boa para todos, prometia tudo a todos. Depois, sentado à beira da cama, com os pobres em derredor, seu Chico abria o livro velho, que trazia na mão. Era um livro amarelado, com as folhas amareladas, velho, velho, que aquele doce homem lia todos os dias, absolutamente todos, há já cinquenta anos. E principiava, com a sua voz grave, destacando acentuadamente as palavras:

... então o rei disse aos servos: as bodas estão preparadas, mas os que foram convidados não são dignos. Ide, pois, às encruzilhadas, e convidai para as bodas...

Os velhos ouviam. Perguntavam muita coisa. Seu Chico esclarecia aquelas coisas. Os velhos escutavam os esclarecimentos, meneavam a cabeça, suspiravam, esperançavam-se, às vezes choravam. As sete horas em ponto batia o sino. Seu Chico levantava-se. Boa noite, meus amigos. Boa noite, seu Chico. Boa noite, seu Chico. Ele tomava do chapéu e da bengala. Tome cuidado com a friagem. Libório. Cubra-se bem esta noite, Zeca, em baixo amarrado a malva para o cosimento. Saia. No outro dia, cinco horas batidas, seu Chico aparecia de novo no asilo. Boa tarde, seu Chico. Boa tarde, seu Chico. E assim foi durante anos. Quantos? Não sei. Sei unicamente que, com o andar dos anos, a vida daquele São Vicente foi se tornando, cada dia, mais e mais amarga à vida dos seus doentes. Fora do asilo, fora dos seus pobres, o velho professor, curvo e acabado, já não tinha mais afeições. As irmãs, uma após outra, foram-lhe morrendo. Ficava ele solitário na vida. Quando lhe morreu a derradeira irmã — tão aniquilada estava — a cidade soube, sem o querer acreditar, que seu Chico andava planejando esta coisa pasma-

te: vender a casinhola. Vender a casinhola em que morara a vida inteira. A casinhola baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas, modestíssima. Houve então na cidade muita murmuração. Diziam que seu Chico andava meio avariado da cabeça. Onde se viu, no fim da vida, ficar um homem sem telheiras para morrer? Onde se viu? Aquilo era tontico de quem já não regulava bem. Não sei se o professor humilhe, o comovido amigo dos velhos, soube daquelas murmurações. Sei apenas que seu Chico vendeu a casa. Meia dúzia de contos. Uma bagatela vil para os mimosos da fortuna. Mas para ele, para seu Chico Pereira, aquela meia dúzia de contos era a riqueza. Riqueza que dava e sobejava para viver sem apêto o resto dos seus dias, que já iam murchos. Mas seu Chico andava mesmo ruim do juízo. Não cuidou como devia daquela sua única riqueza. Não a botou a render juro em mão de banca. Não abriu caderneta na Caixa. Seu Chico andou pelos casebres e pelos ranchos de minha terra. Viu os desgraçados. Os que tinham a panela vazia sobre o fogo apagado; os que não sabiam onde se abrigar nos dias de chevarada; os que não possuíam um pau sequer para se cobrir nas noites de geada. E seu Chico distribuiu o dinheiro

da sua casa aos pobres. Vai, Chico — dizia-lhe no coração uma voz secreta — vai, vende o que tens, dá-a aos pobres, e terás um tesouro no reino dos céus. Sim, amigo, seu Chico deu o seu dinheiro aos pobres. Deu-o sem rumor. Sem que os jornais trouxessem a notícia. Deu-o às escondidas, evangélicamente, pois ele bem conhecia o que estava escrito no seu livro amarranhado, naquele livro velho que ele lia há cinquenta anos: "... tomai cuidado em não fazer as vossas obras diante dos homens com o fim de ser vistos por eles. Assim, quando fizerdes esmolas, não mandeis tocar a trombeta diante de vós, como fazem os hipócritas, para serem honrados pelo mundo..." E seu Chico ficou pobre, pobre, mais pobre de que o último pobre de seu asilo. A minha terra soube então da pobreza de seu Chico. A minha terra abriu os olhos assombrada. Seu Chico, de fato, não estava mais regulando da cabeça. Que diabo, diziam com ânsia, que diabo irá ele agora fazer? Não temha ânsia, minha terra. Não temha ânsia. Seu Chico sabe o que vai fazer. Pois um dia, quando o relógio grande bater as cinco horas, os velhos do asilo disseram, como diziam há tantos anos: — Seu Chico está aí.

E estava. Mas seu Chico, naquele dia, não entrou sozinho. Entrou com

um rapazote que carregava uma canastra preguiçosa e chata. Boa tarde, seu Chico. Boa tarde, Libório; como vai a dor da cacunda? Os velhos acorreram todos a sentar-se em redor de seu amigo. Ele disse para o rapazote: João, acomode a canastra debaixo daquela cama. O rapazote acomodou a canastra debaixo da cama e parou. Então seu Chico abriu o livro velho e pegou de ler o livro velho para os pobres. As sete horas, como de costume, o sino tocou. Mas seu Chico, naquela noite, não tomou o chapéu e nem a bengala. Não saiu do Asilo de São Vicente de Paulo. Disse apenas para os velhos:

— Meus irmãos, vamos dormir.

Os velhos entrecolharam-se com muito espanto. Seu Chico notou aquele espanto. E repetiu singelamente, muito natural, a voz lenta e grave:

— Vamos dormir, meus irmãos. Eu finto aqui. Porque de hoje em diante, não sei se vocês sabem, eu vou morar no asilo com vocês...

E ficou morando no asilo com os pobres. Lá está ainda agora. Lá está neste mesmo instante em que eu escrevo esta página. Ele não suspeita jamais na vida, jamais, que eu estou contando o que conto aqui. E mesmo que suspeitasse, amigo, que montaria lá isso para seu Chico? Ele,

(Conclui na página 14).



Homenagem Justa

O HOMEM MAIS RICO DA MINHA TERRA

(Conclusão)



nome de Júlio Moura é bastante conhecido de nossos leitores e dispensa elogios. Multiplicado em revistas e jornais de todo o Brasil, assinando crônicas e artigos substanciais, julga também, com particular relevo, entre os dos diretores do Jockey Club. Amante das coisas do espírito, Júlio Moura condoeu-se do estado de abandono em que se achava a antiga biblioteca dessa associação, tomando a peito reorganizá-la. A isso dedicou o melhor de seus esforços, conseguindo selecionar quatro mil volumes de primeira qualidade, que se encontram primorosamente tratados e postos à disposição dos sócios do clube. Amigos e admiradores do beneficiador do Jockey Club resolveram prestar-lhe uma justa homenagem, inaugurando-lhe o retrato nessa mesma biblioteca. Ao ato compareceram figuras destacadas do nosso meio social e intelectual, entre as quais anotamos para os leitores de FON-FON: o Brigadeiro Armando Trompowsky, o Prof. Antônio Austregésilo, o Prof. Agênor Pôrto, o dr. Américo Lacombe, o dr. Santiago Dantas, o dr. João Borges, presidente do Jockey Club, o prof. Wald. Berardinelli, o Prof. Parreiras Horta, o dr. Henrique Dodsworth, o dr. Manoel Mendes Campos, dr. Antônio Mendes Campos, dr. Gustavo Philadelphia de Azevedo, o Ministro Barros Barreto, o Ministro Osório Dutra, dr. Afonso Arinos de Mello Franco, sr. Ascendino Moura, Prof. Luís Pinheiro Guimarães, Prof. Ugo Pinheiro Guimarães, dr. Floresta de Miranda, acadêmico Rodrigo Otávio Filho, sr. Otávio Souza Leão, Prof. Abel Pôrto, que saudou o homenageado, e muitas outras pessoas. Na fotografia vê-se um grupo formado pelos srs. Júlio Moura, Rodrigo Otávio Filho, Luís Pinheiro Guimarães e Floresta de Miranda.

o humilde, é suficientemente alto para desprezar as pequenezas da terra. Ele não se importa com esta minha página. Ele se importa, isso sim, com os seus velhos. Com os velhos a que ele traz a malva para o cosimento. E os seus velhos, um a um, já se vão indo para o Cristo. O Libório já foi. O Zéca também. O Pega-bói também. E seu Chico, por sua vez, irá um dia encontrar-se com eles. Irá certamente, numa tarde quieta, numa dessas tardes doces e finas, de céu esmaiado e luz morrente, com funda e adormentadora serenidade a apagar a feiura das coisas. Sim, meu amigo, nessa hora macia é que seu Chico fechará maciamente os olhos.

Quando seu Chico abriu para a eternidade os olhos da alma — que ofuscação! Festa, alegrias cantantes, violões ardentes derramando harpejos, caçolias de jappe queimando essências, anjos resplandecentes a voar com asas de prata, rosas tombando do alto, muitas rosas, e, único, em toda a sua deslumbradora magnificência, um grande sol cegante, mais cegante do que mil sóis fundidos, a alumiar tudo com o seu luzir divino. Seu Chico, no seu encantamento, pôe-se então a caminhar por um chão pavimentado de lazzuli. E caminha tão levezinho, tão etéreo, tão sem peso... Caminha com a sua roupa escura e com a bengala na mão. Bandos de homens e de mulheres, com resplendores à cabeça, risonhamente, exultantemente, agitando palmas e arremessando flores, abrem alas para que passe o velhinho do asilo de S. Vicente. Boa tarde, seu Chico. Boa tarde, seu Chico. E seu Chico lá vai, glorioso. Lá vai, lá vai... Ao fim do caminho, com surpresa, eis que o humilde professor divisa, junto a fulgentsíssimo trono, uma casinha baixa, pintada de azul, com uma porta e duas janelas. É a casinhola que seu Chico vendeu para dar o dinheiro aos pobres. Ele entra na sua casinhola chã. Que deslumbramento! Tudo, lá dentro, a refulgir!... Tudo de ouro, só ouro, as paredes de ouro, a varanda telhada com telhas de ouro, as alcovas ladrilhadas de ouro, até a cozinha, com mesa de poroba, toda cintilante de ouro vivo. E naquela sua cozinha, em redor da mesa de poroba, oh, meu bondoso seu Chico, que alegria imensa — todos os pobres do seu asilo! Boa tarde, seu Chico. Boa tarde, seu Chico. Seu Chico dependura o chapéu e encosta a bengala num canto. Boa tarde, Libório; como vai a dor na cacunda? E seu Chico, feliz, vai sentar-se radiosamente entre os seus amigos. Mas, ao sentar-se, eis que, bruscamente, surge diante dele um homem doce, um homem de olhos suaves e cândidos, a túnica alva e respigante, que tem uma fúlgida coroa de espinhos à fronte. Seu Chico arregala dois grandes olhos. E os olhos estão regorgitados de alegria e de lágrimas:

— Senhor!

O Senhor traz nas mãos um feixe de luz. Sorrindo, mansamente, o Senhor, com as suas próprias mãos, circunda a cabeça branca do velho com aquele feixe de luz. E diz:

— Santo Chico, o reino de meu Pai tem muitas moradas. Esta, a que fica rente do trono, eu a construí e enfeitei para você. E isso, meu filho, porque tive fome e você me deu de comer, porque tive sede e você me deu de beber, porque não me deu abrigo e você me recolheu, porque estive nu e você me vestiu, porque caí enfermo e você me visitou.

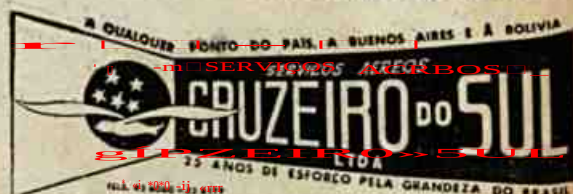
Então, com espanto, diz seu Chico a Jesus:

— Senhor, quando te vi com fome e te dei de comer? quando te vi com sede e te dei de beber? quando te vi sem abrigo e te recolhi? quando te vi nu e te vesti? quando te vi enfermo e te visitei?

Jesus aponta, os pobres e responde:

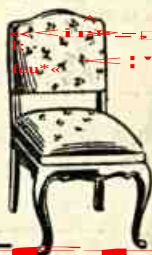
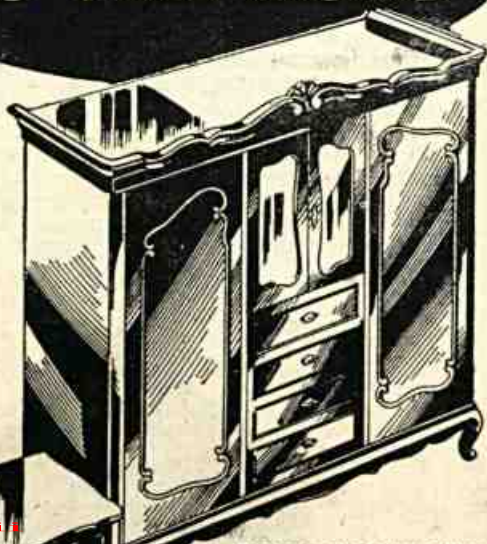
— Em verdade, Chico, em verdade o digo: todas as vezes que você fez estas coisas a um destes meus irmãos pequeninos, a mim o fez. Viva, pois, de hoje em diante, e para toda eternidade, na casa que eu construí e preparei para você. Viva nela com a MINHA paz...

Nisto o relógio bate cinco horas. Então, a um gesto de Jesus, um anjo todo branco, aparece revoando na casa de seu Chico. Aparece ali, na cozinha, junto à tóca mesa de poroba, trazendo-lhe as asas de prata um opulento estôjo borrifado de pedrarias. Jesus toma daquele estôjo. Abre-o. Dentro está um livro. E aquele livro velho que seu Chico leu durante cinquenta anos. E Jesus, sorrindo, mansamente, passa o livro velho às mãos do seu eleito: — Santo Chico, são cinco horas. Pode principiar a leitura...



Esta linda mobília pode ser sua!

**CUSTA POUCO...
MAS VALE MUITO**



- Espaço guarda-roupa com espelho bisautê
- Cômoda com cinco amplas gavetas
- Duas mezinhas de cabeceira
- Cama ampla e sólida
- Cadeira estofada,

Apenas

Cr\$ 10.830,00

Para as pessoas de gosto que exigem o melhor, Drago produziu este dormitório de casal, estilo "Chippendale". Fabricado sob o mesmo padrão de qualidade que caracteriza os produtos Drago, e destacando-se pela sua beleza e fino acabamento, este dormitório vale mais do que o preço por que é oferecido! Vá vê-lo, em qualquer das Lojas Drago... verifique suas qualidades... e compare o seu preço!

INDÚSTRIAS REUNIDAS

Sofá-Cama



LTDA.

Rua 7 de Setembro, 164 - Fone 43-870
Rua 7 de Setembro, 209 - Fone 23-3430
Avenida Princesa Isabel, 72-A - Fone 37-1533
Rua do Catete, 141-A - Fone 25-5812
Praça Saenz Peña, 65 - Fone 48-1672

S. PAULO: Loja: R. Cons. Crispiniano, 44 - Fone 26-5653 (prox. à Pr. do Teatro Municipal)
Fábrica e Escritório: R. Luiz Gama, 803 - Fone 33-7900



AS ARTES PLÁSTICAS

Por DANIEL CAETANO

nas gravuras do último volume. Conversamos sobre a obra. Rodrigo Melo Franco de Andrade considera a realização desse empreendimento uma coisa muito séria e corajosa, principalmente quando se pensa no fato de ser esta a primeira vez que se trata com tamanho esforço um tema puramente cultural. Os resultados não serão obtidos de afogadilho. Tudo começou muito bem. Há mais de um ano, o mestre Leonídio Ribeiro, um dos diretores da Sul América Terrestres e pai da idêla, reuniu dezenas de intelectuais no seu gabinete e contratou os serviços de cada qual para um estudo de trinta páginas dactilografadas dentro da especialidade deles. Receberiam 10 mil cruzeiros no ato da entrega dos originais. Uma coisa

O Brasil vai ter, dentro de alguns meses, a história das suas artes plásticas enfilexada em grossos tomos. Há muitos anos se esperava isso, mas só agora foi possível. O mais curioso é que a iniciativa não coube a nenhuma das nossas conhecidas editoras. A idêla ocorreu às Companhias de Seguros e Capitalização do Grupo Sul-América e Banco Lar Brasileiro, cujo objetivo nisso tudo, embora pareça incrível, é apenas gastar cruzeiros em benefício da cultura brasileira. Sempre pensei, como toda gente, que os nossos homens de dinheiro não querem fazer outra coisa na vida além de encher cada vez mais os bolsos de dinheiro. Mas aí está o primeiro tratando de usar seus milhões de maneira diferente. Vou dar logo o nome por extenso na esperança de que amanhã, em vez de um, seja possível oferecer uma lista: Antônio de Larragoiti Júnior. Ele concordou com a idêla de jogar uma soma considerável de cruzeiros na feitura de uma obra monumental, intitulada *As Artes Plásticas no Brasil*, em três volumes, sem a menor preocupação de fazer com isso um bom negócio. O primeiro volume está no prelo e os outros dois já foram escritos. Mas não vão ficar por aí as publicações desse gênero, pois há outros assuntos necessitando de igual tratamento, e, para eles, aquelas empresas já se acham de atenção voltada. Acabaram de ser encomendadas, para depois da publicação de *As Artes Plásticas no Brasil*, os seguintes livros: *História do Brasil*, *Geografia do Brasil* e *História da Literatura Brasileira*. Os escritores Otávio Tarquino, Delgado de Carvalho e Afrânio Coutinho já foram convidados a fazer um trabalho que ficará entre o livro didático e o ensaio.

300.000 CRUZEIROS DE DIREITO AUTORAL

Por enquanto, isso não vem ao caso. Agora, quero dizer apenas que estive, no outro dia, com Rodrigo Melo Franco de Andrade, sob cuja direção está sendo elaborada a série *As Artes Plásticas no Brasil*, e dei uma olhada nos originais e



surpreendente, como se vê, em matéria de pagamento do trabalho intelectual. A obra está só em direitos de autor por 300 mil cruzeiros. Para que se tenha idêla da importância desses estudos, vou dar o seu plano geral.

OS CAPÍTULOS E SEUS AUTORES

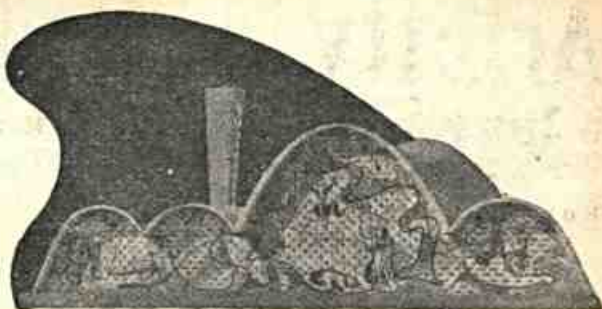
O livro reúne tudo o que se conhece sobre artes plásticas no Brasil. A Introdução é do próprio Rodrigo de Melo Franco de Andrade. A parte de Arqueologia está com Frederico Barata, uma autoridade no assunto. Sobre Arte Indígena, Gastão Cruls dá a publicidade suas pesquisas sempre cuidadosas. A poetisa Cecília Meireles tem a seu cargo as Artes Populares. Para tratar das Artes Aplicadas, foram convidados três estudiosos: José Valadares, que diz tudo sobre Ourivesaria; Washth Rodrigues, que fala a respeito do nosso Mobiliário; Marques dos Santos, que escreve sobre a Louça no Brasil, a Porcelana Brazonada e a importação que a Companhia das Índias desenvolveu nessa matéria. O português Reinaldo dos Santos fez lá em Lisboa um capítulo sobre Antecedentes Exóticos para cuidar da Pintura, foram selecionados nove autores. Antônio Bento se encarrega do Período Colonial, isto é, Pernambuco e as Capitanias do Norte; Carlos Ott, pega Bahia e

NO BRASIL

Sergipe; Luiz Saia, está com São Paulo; Luiz Jardim, o Rio de Janeiro; e Rodrigo Melo Franco de Andrade, reserva para si Minas Gerais. O Período Colonial será assim mostrado de maneira completa por trabalhos absolutamente inéditos. Mas aí não fica a parte relativa à Pintura. Jordão de Oliveira escreve sobre a Missão Francesa, seus mestres e discípulos. Quirino Campofiorito tem a seu cargo a Pintura Brasileira do Século XIX. Di Cavalcanti desenvolve o Movimento Modernista, e, finalmente, Santa Rosa fala sobre a Pintura Moderna.

PARABENS

Os quatro escritores que versam sobre Escultura são: D. Clemente Maria da Silva Nigra, um padre, autor do erudito trabalho sobre a Imaginária no Brasil durante a Primeira Fase do Regime Colonial; Lúlio Landucci, que trata da Imaginária Brasileira no Século XVIII; Manuel Bandeira, com pesquisas fornecidas pelo Departamento do Patrimônio Histórico do Ministério da Educação, diz quem foi Antônio Francisco Lisboa, escultor e



a Arquitetura Residencial e Cívica no Período Colonial; Paulo T. Barreto, outro conhecido homem de pesquisas, aparece com a primeira parte da Arquitetura Religiosa, isto é, os prospectos, os mestres e as construções, deixando para o francês Germain Bazin a segunda parte, a Evolução da Talha, ou melhor, os mestres entalhadores e marceneiros; Augusto Meyer está com a Obra dos Jesuítas nas Missões Orientais do Uruguai; Marcello Proux, apanha Grandjean de Montigny; sua influência e seus discípulos; e por fim, Joaquim Cardozo, que trata da Arquitetura Moderna.

É essencial dizer ainda outra coisa. As empresas que financiaram essa obra vão distribuí-la gratuitamente às bibliotecas públicas, museus e universidades estrangeiras, e, como seu objetivo não é obter qualquer espécie de lucro, venderá o resto da tiragem a preço de custo. Ainda é cedo para dizer por quanto sairá cada volume, mas, considerando que o trabalho gráfico está sendo feito nas oficinas da própria Companhia, que a encadernação é de luxo, e que tudo aparece fartamente ilustrado, acho uma notícia formidável a que diz não passar de 500 cruzeiros o custo do primeiro volume, cuja inscrição para adquiri-lo já está aberta na sede da Sul América Terrestre, à rua Buenos Aires, 29. É reconfortante pensar que uma iniciativa dessa natureza põe o Brasil, sob o ponto de vista gráfico, num plano de grande evidência no mundo, e, no que respeita ao significado disso tudo em relação à cultura brasileira não é preciso dizer mais nada. Parabéns ao sr. Antônio de Larragoiti Júnior, o pioneiro.

(Transcrito da "Última Hora" de 6-2-52).



estatuatário; e Lourival Gomes Machado, se encarregará das Esculturas do Século XIX e da Escultura Moderna. Por fim, resta a Arquitetura, uma parte rica de ilustrações e de capítulos excelentes, como o do norte-americano Robert C. Smith, um monstro de genialidade sobre arquitetura luso-brasileira, autor de um curioso capítulo intitulado



Arletty a Grande "Estrela"

O PERFIL ANALÍTICO DA EXCEPCIONAL FIGURA — A GRANDE DEMONSTRAÇÃO DE APREÇO QUE OBTÉVE EM PUNTA DEL ESTE — CONFISSÕES EM VOLTA DO CINEMA E DO TEATRO

Por OSWALDO DE OLIVEIRA Especial para FOM-FOM



Na sessão de gala da estreia do filme francês "L'amour, Madame" vêem-se Arletty, Brigitte Auber e Nicolas Mouneau.

LIGEIRO ESTUDO

Arletty tem uma personalidade tão particular que merece uma detalhada análise das suas características. Por outro lado, é uma das mais lídimas representantes da elegância de maneiras, da melhor classe de Paris. Por outro lado, também se destaca pela cultura e inteligência raras. Sob qualquer aspecto, palestrar com Arletty é estar em contacto tanto com a finura de expressões quanto pela sutileza irónica do melhor espírito parisiense. Embora em fase outonal, é a figura convergente da atenção na embaixada da França. É certo que não convém desmerecer a graciosidade de Odile Versols, a simpatia de Brigitte Auber, bem como o trato geral da delegação. Entretanto, Arletty apresenta a rara sugestão de destaque interior, ca-

paz de traduzir-se no menor gesto ou reticência de palavras. Tudo isto foi possível sentir no convívio de semanas, em Punta del Este, inclusive nas diversas trocas de gentilezas entre as delegações brasileira e francesa. Aliás, a última delas foi realizada ontem à noite, em jantar oficial festivo, uma homenagem da representação da França ao Brasil. Os participantes foram divididos em alguns grupos de mesas estando a que participei composta de Arletty, Brigitte Auber, Françoise Grisiote, Michel Auciáir, Nicolás Mouneau e dos atores brasileiros Marina Gunha e José Lewgoy, tendo agradecido, em nome da comitiva brasileira, o signatário destas linhas. Enfim, para escrever sobre, um grande valor internacional e fugir da rotina de uma simples entrevista, há necessidade dos festivais de con-

gracamento, conforme o de Punta del Este.

CONSAGRADA PELO PÚBLICO

Aliás, o conceito sobre Arletty em pessoa não é uma opinião individual. A grande atriz de "Les enfants du paradis", "Trágico amanhecer", etc., tem sido alvo das maiores distinções do público. Por ocasião da "première" de "L'amour, Madame" um dos sete celulóides franceses estreitados no Festival, o qual tem Arletty por principal figura, o elegante Gino Cantegril proporcionou uma das mais expressivas manifestações da atual temporada.

O MICROBIO DO TEATRO

É impossível perdê-lo, diz Arletty. Embora atualmente radicada no cinema, pretende voltar e possivelmente encerrar a sua trajetória na ribalta. Inten-

ressa-se muito pelo movimento mundial desta arte e os seus livros são retirados de autores teatrais.

O MAIOR VULTO

Raimu, o saudoso e genial ator francês é na opinião de Arietty, o maior vulto que conheceu quer no teatro ou no cinema francês. Julga impossível esquecer a versatilidade e a grandeza do talento do intérprete de tantas excepcionais obras de vulto.

O AUTO-JULGAMENTO

Certamente, os leitores gostarão de saber a opinião de Arietty sobre os seus melhores trabalhos. A "estrela" não tem dúvida em destacar "Les enfants du Paradis". Em seguida, opta por "Os visitantes da noite". Esclareceu — que a película estreada no Festival, "L'amor, Madame", é apenas um filme brejeiro. Lamentou que a sua última película, recém-terminada e de vulto, não tenha sido possível enviar a tempo para Punta del Este.

MARCEL CARNE

Arietty fala com muito conhecimento de causa sobre a perso-

nalidade de Marcel Carné. Fala do prazer em trabalhar em contacto com a profundidade do genial mestre. Quanto às recentes películas do cineasta Arietty, embora reconheça que não pertencem ao grande plano do orientador, não acredita em decréscimo. Julga que tem sido as histórias e a adaptação a causa do desmível frente às outras obras.

FELIZ EM TUDO

A grande atriz desfruta de bem estar íntimo. Demonstra contentamento por seu passado e presente no teatro e no cinema. O mesmo acontece com a presente temporada em Punta del Este e com a próxima, no Rio de Janeiro. Foi confirmado o convite oficial e até está resolvido onde se hospedarão no Brasil, no Hotel Quitandinha. Afinal, deveria haver um segredo para esta simpatia e por tão agradável padrão de espírito, sejam quais forem as circunstâncias. E Arietty, com poucas palavras e terminando, resumiu tudo:

— "Não extendo demasiadamente as ambições, contentando-me com as prodigalidades que surgem com o destino.

Durante um "cock-tail", a grande Arietty ao lado de três brasileiros sendo dois deles o casal formado pela "estrela" Eliana Lage e o seu esposo Tom Payne.



COLUNA DOS LEITORES

ANGELA DOS SANTOS — (DF) — Gostaria de ver publicados monogramas para longos. Os. □. R.: — Aguarde, que será atendida.

AURELIA MONTEIRO — (DF) — "Se pudesse mandaria todos os coupons, pois cada vez que compro FON-FON, fico mais admirada com seus figurinos, os riscos, as receitas de docos e salgadinhos, o romance "A Prisioneira da Noite", que acompanha desde o primeiro capítulo, enfim tudo. Desejaria saber se FON-FON podia remeter-me um molde de pijama para homem, pois há muito tempo que desejo ofertar um ao meu marido. Ele me deu uma "Minerva", a qual me dá satisfação, mas fico triste por não saber costurar ainda. Porém, com o auxílio de FON-FON vou me habilitar".

R.: — Muito obrigado pelos elogios. Infelizmente sendo FON-FON especializado em modas para senhoras não pode incluir vestes para homens, mas com o aprendizado que agora inicia pelo novo método de corte e costura de FON-FON chegará o dia em que será fácil realizar o seu desejo.

CARMEN DELL'OLIO — (DF) — Escrevo-nos dois bilhetes nos quais nos faz uma pergunta e uma sugestão. A primeira é: — O coupon publicado em determinado número dá direito a escolher modelos de outros números? A segunda é: — Porque FON-FON não aceita 15 cruzeiros para os seus próprios modelos, além do que dá direito gratuitamente o coupon?

R.: — Não, o coupon só dá direito a escolha de modelos no exemplar em que for publicado. Realmente, mediante o pagamento de 15 cruzeiros a leitora pode escolher quaisquer modelos, inclusive, é lógico, os do próprio FON-FON, além do oferecido gratuitamente pelo coupon. (É preciso que este venha preenchido corretamente, pois qualquer incorreção elimina seu valor, como, infelizmente, vem se verificando a miude).

ELEONORA GOETZE — (Belo Horizonte — MG) — "Mundo esta carta registrada para não se perder como já aconteceu várias vezes. Estou entusiasmada com algumas partes de sua Revista. A respeito de outras sou da mesma opinião da Sra. Regina S. Pinto (S. Paulo), isto é, "Ballet" e "Chic Jazz" despertam pouco interesse. De "Foto-Romance", também, não gosto e, com outras leitoras, nem dos riscos e bordados do Suplemento. Em compensação acho ótima a seção das modas e a parte culinária. Será um prazer para mim contribuir com algumas receitas das quais eu tenho centenas interessantes, sendo colecionadora apaixonada de receitas de todos os países".

R.: — Na verdade nosso serviço postal não é dos mais eficientes. Em todo caso aqui temos sua amável carta e nela um punhado interessante de observações úteis para nós e uma gentilíssima oferta, a qual nossa redatora de "Culinária de Bom Gosto" recebe prazerosamente e fica aguardando as receitas — desde que as mesmas tenham sido experimentadas — avisou-nos. Quanto a nós, muito obrigado por tudo.



ANTISARDINA

*E' o creme preferido
das Paulistanas...*



A abalizada opinião da ilustre presidente da Sociedade Artística de São Paulo, Srta. Jurema Leme Rodrigues:

ANTISARDINA é o primeiro e único creme que uso até agora, tendo com interesse divulgado seu emprego ao convívio de minhas amigas, por ter observado as suas indiscutíveis propriedades de prolongar a juventude corrigindo as imperfeições da pele.

corrigindo



ANTISARDINA com USO BALSAMICO CABELLOS com ANTISARDINA com USO BALSAMICO

ANTISARDINA com USO BALSAMICO

As cinco primeiras colocadas, da esquerda para a direita: — Sônia Ketter, Ofélia Colucci, Nêlia Paula, Carmen Machuto e Norma Rodrigues.



ELEITA E COROADA A "MISS OBJETIVA"



SOB OS AUSPÍCIOS DA ASSOCIAÇÃO DE REPORTERES FOTOGRÁFICOS O GRANDE PLEITO — SAGROU-SE VITÓRIOSA A ATRIZ SÔNIA KETTER — "FON-FON" MEMBRO DO JURI — FLAGRANTES DO JULGAMENTO E DA COROÇÃO — MISS OBJETIVA CONGEDE UMA ENTREVISTA A "FON-FON"

(Texto de ROBERTO LOBO)
(Fotos de MOZART)

DE qualquer ponto de vista que se olhe, o grande pleito destinado a eleger a "Miss Objetiva" foi um amplo e completo



Herbert Moses, um dos membros do júri, felicita Sônia Ketter, ao proclamá-la vitoriosa.

Sônia Ketter concedeu entrevista ao rep. "FON-FON" minutos depois de proclamada "Miss Objetiva".

sucesso. Movimentando jornais, rádios e revistas, atraindo a atenção e mobilizando milhares de fãs para a corrida dos votos, a eleição culminou na apresentação pública das nove candidatas mais votadas perante um júri, que contou com a presença do representante da FON-FON. Finalmente, no Baile das Artistas, a coroação de Sônia Ketter foi o brilhante remate do concurso.

AS TRÊS PRIMEIRAS COLOCADAS

Terminado o julgamento das nove candidatas que obtiveram mais votos, apresentou o pleito o seguinte resultado:

Sônia Ketter, artista da T.V. Tupi, com 2.640 pontos;

Nélia Paula, atriz da Companhia Colé, 1.832 pontos;

Carmen Machado, atriz da "Bonte" Acapulco, com 1.760 votos.

A ENTREVISTA

Uma vez aclamada vitoriosa, Miss Objetiva, no mesmo palco em que se exibiu ao público e ao júri, falou a FON-FON.

— É filha de estrangeiros? — indagamos.

— Sou um produto internacional, — respondeu-nos, sorrindo. — Filha de pai tchecoslovaco e de mãe russa.

— Não vá dizer que também não é brasileira, — arriscamos, temerosos.

— Ah! isto, sou, graças a Deus. E toda nacional. Nasci no Rio. Carioca da rua das Laranjeiras.

Sônia Ketter é atualmente artista da televisão, mas já trabalhou em teatro, no elenco da Dulcina de Moraes.

Por isto, perguntamos:

— Trocou o teatro pela televisão?

Ela nos olhou espantada.

— Não. Apenas não pode acompanhar a Dulcina a Portu-

gal. Minha família se opôs. Mas, quando ela voltar ao Brasil, estarei de novo integrada na companhia, estreando na peça "Imperador Galante".

E fixando-nos, séria:

— Eu adoro o teatro!

Sentimos que os olhos de Sônia cintilavam, ao proferir esta exclamação. Deixámos que ela, por uns instantes, vivesse aquele êxtase, que uma sincera profissão de fé produz na alma da gente.

Depois, pedimos:

— Gostaríamos que desse a FON-FON sua opinião sobre a função social da mulher.

Ela pensou um pouco e respondeu, conviata:

— Depende da mulher o comportamento do homem. Portanto, depende da ação da mulher a educação da sociedade.

E, registrando essa opinião elevada e sintética sobre a função social da mulher, despedimo-nos de Sônia Ketter, a "Miss Objetiva".

Aspecto do Baile das Artistas, durante o qual foi coroada a Miss Objetiva.





Miss Objective e o
Prefeito do Distrito
Federal.



Sônia Kettner, já coroada, no Baile das Artistas, ladeada por Ofélia
Colucci e Norma Rodrigues.



Rasho-Mon

(PRESENCIADO EM
PUNTA DEL ESTE)

JONALD

A PARTE INDIVIDUAL

De atos em atos é permitido apreciar um desempenho tão extraordinário quanto o de Toshio Mifuma, nesta película. Traduz a terrível involução de portentosa mansidão. Os outros intérpretes estão perfeitos e em situação de igualdade, a começar pela parte desempenhada pelo próprio diretor, Akira Kurosawa. A fotografia de Kazuo Miyagawa é riquíssima em surpreendentes efeitos e é muito funcional com a narrativa. A música é outro elemento de poder, perquantu segue o espírito das imagens. Por vezes, deixa os autores regionais para ir em busca de outros, conforme Raul, com o seu "Bolero". A cenografia, também magnífica, é de autoria do próprio diretor, aliado a S. Hashimoto.

LIGEIRAS RESTRICÇÕES

Embora excepcional, há sempre motivos para ponderações. O primeiro é o fato de o diretor ter usado uma mesma mimetia para três personagens. As estribeiras gargalhadas do bandido são empregadas tanto para o mesmo quanto para a jovem ou, ainda, no serviço do templo. Outra observação do mesmo campo é o fato de as diversas narrativas, de personagens diversas, utilizarem algumas inclinações idênticas. Todavia, o impacto da obra tem a marca dos grandes celulosites. As restrições — sempre subsiste algo — se esvaem ante a força do conjunto, simplesmente poderosa.

Miki Sanjoo.



As duas japonesas presentes ao Festival de Punta del Este, lado a lado a mexicana Katy Jurado.



SÃO-LUIZ
FONES 25.7679 • 25.7459

VITÓRIA
FONE 42.9020

ROXY
FONE 27.8245

AMERICA
FONE 42.4319

2ª FEIRA
DIA 10



JAMES
MASON
em
A RAPOSA
do
DESERTO

CEDRIC JESSICA
HARDWIGKE • TANDY
LUTHER
ADLER
EVERETT SLOANE
LEO G. CARROLL

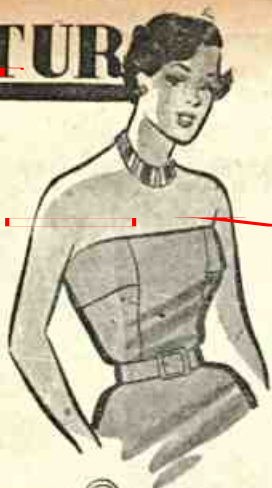


Complementos
Nacionais

20
CINEMA

DETALHES DE COSTURA

CORPETE SEM ALCAS



O corpete sem alças goza nos dias de hoje de uma grande popularidade, sobretudo no verão. Ele é usado para vestidos de praia, para os vestidos de baile ou de "cock-tail". Seus modelos são muito variados, indo desde os simples até os complicados, nos quais se utilizam botões, drapentões, volantes e pregas.

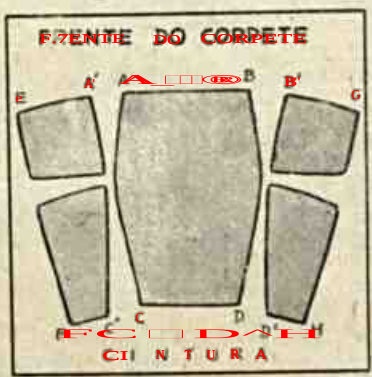
Nesta página, apresentamos o modelo básico de um corpete sem alças. A leitora não deve esquecer que ele deve sempre ser forrado por uma fazenda mais encorpada, isto é "faillé" ou tafetá para as fazendas delicadas e brim para as fazendas mais grossas. O corpete deve ser bem justo, sem formar rugas horizontais, quase como espartilho, apertando o tronco, sem contudo achatá-lo o busto.

EXECUÇÃO — Segundo o esquema, a frente do corpete é formada por uma parte central, maior, e quatro partes laterais, menores. Depois de cortadas, de acordo com as medidas de cada pessoa, unir as peças, de modo que o ponto A coincida com A', o ponto B com B', C com C' e assim por diante. Proceder da mesma forma em relação às costas.

Depois de alinhar todo o corpete, experimentá-lo pelo avesso sobre o próprio corpo da pessoa, apertando ou afrouxando as duas costuras verticais e as duas horizontais, até que modelem perfeitamente o busto. As peças das costas são perfeitamente dispensáveis, só devendo ser usadas no caso de costas muito curvas ou de cintura muito fina.

O forro é cortado e experimentado de maneira semelhante. Para prendê-lo ao corpete deve-se dobrar a borda superior deste último, como se fosse uma bainha, a fim de que a costura de emenda não seja vista.

Para que o corpete não escorregue, deve-se colocar internamente, quatro barbatanas pelo menos. Para isso, costurar a mão, nos lugares convenientes do forro (costuras laterais e junto ao fecho elástico) fitas de cadargão do comprimento adequado e de largura um pouco maior que a largura da barbatana. A figura mostra a maneira correta de se pregar a fita de cadargão deixando-se a abertura necessária para introdução e a retirada da barbatana.



COLUNA DOS LEITORES

OLGA STREBULOV — (S. Paulo) — "Grande apreciadora de FON-FON, dirijo-me pela primeira vez a esta tão útil e conceituada revista e o faço com toda satisfação. Há tempos trivei coupons para os respectivos moldes solicitados por mim. Esperei-os com ansiedade, pois um deles seria para o meu vestido de Natal. Já estava perdendo as esperanças de recebê-los quando, com grata surpresa, "begei-me às mãos o envelope de FON-FON, com um dos moldes que pedira. Fiquei imensamente satisfeita, pois este molde me será muito útil na confecção da saia que tanto me agradou. Entretanto, que terá sucedido para que não recebesse os moldes correspondentes aos outros coupons, enviados ao mesmo tempo?"
R.: — Muito agradecidos pelos elogios a FON-FON. Sentimo-nos satisfeitos igualmente em saber que, pelo menos um, dos moldes pedidos chegou a tempo. Quanto aos outros vamos procurar saber o que possa ter acontecido e, se possível, providenciar sua remessa.

MARIA CRISTINA LEXO E SILVA — (DF) — "Sugiro para quando fizerem os artigos: "Decoração do Lar", "Culinária de Bom Gosto", "A Arte de Ser Bela" e "A Vida e os Nossos Filhos", o façam de modo que um artigo não fique no verso da página do outro, pois assim dificulta a quem organiza livros com os citados artigos".
R.: — Infelizmente, estes são obces de ordem técnica que nem sempre podem ser superados, todavia, sempre que nos for possível procederemos de acordo com a sugestão.

LEDA MARIA P. MENDES — (S. Paulo — SP) — "Só tenho palavras de elogio, pois essa revista é a minha preferida há mais de quinze anos. Só lamento terem incluído em suas páginas histórias em quadrinhos, pois não as julgo dignas de pessoas que apreciam uma linda página literária. Sinto saudades das "Rosas de Veludo". Voltaria? Gustavo Barroso, Martins Capistrano, que tanto escreviam para FON-FON, agora raramente aparecem num artigo. Naturalmente tudo acompanha o ritmo atual".
R.: — Sua observação sobre as histórias em quadrinhos está de acordo com várias outras que nos tem chegado às mãos. Possivelmente, serão eliminadas. Nossos ilustres colegas Gustavo Barroso e Martins Capistrano continuam frequentando as páginas de FON-FON e se não o fazem com maior constância é por falta absoluta de tempo.

MARIA PERNAIVA — (Araquara — SP) — "Aproveitando a oportunidade que se me apresenta, quero dizer que essa revista é singularmente maravilhosa, não deixando nada a desejar a uma dona de casa".
R.: — Com a mesma franqueza com que elogia FON-FON esperamos receber sua opinião quando não gostar de qualquer coisa em nossas páginas, pois queremos, realmente, fazer uma revista com por cento para as donas de casa.

NAIR GOMES — (DF) — "Deseja saber o que há com os seus pedidos."
R.: — Já foram atendidos. A demostra prende-se ao elevado número a que temos que atender.

modas FON-FON

Segredos...

JÁ tivemos várias ocasiões de dizer, através destas pequenas crônicas, que os acessórios são elementos imprescindíveis na "toilette" feminina, completando-a e dando-lhe maior realce e beleza.

Tomemos as flores como exemplo. Elas dão muita graça e embelezam o conjunto da "toilette", desde que sejam discretas e sabiamente usadas. As flores mal colocadas ou mal escolhidas prejudicam a elegância do vestido, dando-lhe um aspecto carnavalesco ou acaipirado. O uso das flores

é o mais variado possível e pode servir de complemento a quase todos os tipos de vestido, desde o "tailleur" ao vestido de baile. Não há estação para elas: atravessam todo o ano, de janeiro a dezembro. Vou dar aqui alguns exemplos de como as flores podem ser usadas com sobriedade e ele-

gância. Assim, um vestido preto, "fourreau", sem alças, ou um vestido de baile de uma só cor, também sem alças, ganhará muito se lhe for acrescentado um "bouquet" de violetas. Parece, preso ao decote por cima do busto, no lado esquerdo. Da mesma

(Conclui na página

★

Jane Powell apresenta uma bonita sugestão para mocinhas em algodão quadrado nas cores amarelo, preto e cinza. Gratioso corpete no mesmo tom do amarelo preso por um "volant" do mesmo tecido da saia. — Manequim 42, moldes de 6 e 9 no Suplemento anexo.



o "rouxinol das américas"

Elsa Marval

recomenda:

creme

Velman
para as mãos



"Com o uso do creme Velman,
minhas mãos estão mais belas do
que nunca: sempre macias, aromati-
zadas e maravilhosamente perfumadas.
Por isso, quero ter sempre comigo,
alguma tuba desse maravilha-
so preparado, para conse-
rvar a beleza que ele deu às
minhas e, ainda, presentear
as minhas amigas da Argen-
tina, para que elas também
conheçam e se beneficiem
com esse excepcional creme.

Elsa Marval

ELSA MARVAL, magnífica
soprano argentina, que
fez atuação memorável
em TV, nos principais teatros
nacionais e no The-
atro Municipal de S. Paulo.

Torne suas mãos
mais belas, com
o creme Velman



Velman, clareia, rejuvenesce, espiritualiza e embeleza as mãos!

método FON - FON de corte e costura

Autoria técnica de d. ELOYNA ANNECCHINI DE ARAÚJO e Revisão artística de GIL BRANDAO

LICÇÃO XV

A prova dos vestidos — (Conclusão)

Continuando com a questão da prova dos vestidos, veremos na lição de hoje, para terminar o assunto, a prova da blusa separada da saia. Quando se trabalha com um manequim, as modificações podem ser marcadas pelo direito, mas quem tiver de experimentar em si própria, terá mais facilidade se trabalhar pelo avesso.

Para provar a blusa, marque-se as modificações num dos lados, dispa-se a blusa e acentue-se as novas marcações com alinhavos ou giz. Para corrigir o lado oposto da blusa, proceda-se da seguinte maneira:

1.º) — Tome-se da blusa, dobre-se a frente no centro, avesso com avesso, ou combine-se as duas peças da blusa, se esta abre na frente.

2.º) — Pregue-se com alfinetes todas as bordas das costuras do ante-brço, dos ombros e das cavas, a-fim-de que de um lado se mantenha fixo ao outro.

3.º) — Acente-se um lado pelo outro, marcando-se a outra metade de acordo com as alterações feitas e usando carretilha ou giz, conforme o tecido.

Para experimentar as costas da blusa, repita-se este processo. Se houver muitas alterações, convém alinhar outra vez e repetir a prova. Experimente-se a blusa com o lado direito para fora, com pences, pregas, franzidos e costuras alinhavadas. Se a blusa for aberta na frente, feche-se o centro com alfinetes. Proceda-se da mesma maneira se a abertura for nas costas. Verifique-se com atenção se as marcações feitas no centro da frente e das costas ficam bem no meio do corpo, se combinam umas com as outras e se caem perpendicularmente ao chão.

Um ponto que merece uma atenção toda especial é a linha dos ombros. Este é o ponto nevralgico da costura de qualquer vestido. Conhece-se uma boa costureira

pela linha dos ombros. Uma blusa jamais ficará elegante se os ombros não caírem perfeitamente. Por isso, observe-se cuidadosamente se a costura dos ombros apresenta uma linha reta do pescoço até a omoplata, sem tombiar nem para a frente, nem para trás, e se a costura do antebraço cai em linha perpendicular ao chão. Se a costura do ombro ou do antebraço se acha muito para a frente ou para trás, acentue-se a costura levemente, tirando da frente ou de trás, conforme o necessário.

As cavas constituem outro ponto que merece especial cuidado. A prova deve ser feita de maneira que a linha de costura da cava fique corretamente colocada, sem apertar ou incomodar, e permitindo que se faça os movimentos do braço com facilidade. Em geral, a costura da linha da cava deve coincidir, mais ou menos, com o tópo do ombro e continuar numa linha quase reta, seguindo a curva natural do braço. Pode-se encurtar a costura do ombro aprofundando a pence do busto e fazendo pequenas pences no centro da gola e nas costas, caso seja necessário. A cava deve ser curva para acompanhar a curva da axilla. Se tiver ficado apertado, faça-se pequenas incisões na fazenda da costura, tomando o cuidado de não cortar demais. Deve-se ter o cuidado de não cortar a cava muito grande, porque nesse caso, a manga fica repuxando e impedindo que se levante o braço com facilidade.

Atualmente as mangas montadas em cavas são relativamente raras, ou melhor, bem raras, pois quase só se usa as mangas e as mangas japonesas, que não necessitam de cava, nem de enchimento, facilitando muito o trabalho da costureira. Mas, mesmo assim, este tipo de manga requer uma prova cuidadosa, pois deve cair impecavelmente. E isto não é possível sem a utilização do "soutiflet" ou seja, do terno, que é um losango, costado em pliegues e colocado sob a axilla, permitindo o movimento fácil do braço e evitando o acúmulo de fazenda em baixo da axilla. Nas mangas japonesas muito curtas, o uso do "soutiflet" é dispensável.

Depois de corrigida a blusa, acentada a linha dos ombros e das cavas, deve-se examinar se o fio da trama corre paralelo ao chão, como já foi feito em relação aos quadris, assegurando assim a queda perfeita da blusa e da saia. Quando ambas são cortadas enviesadas, é preciso também comparar a inclinação do fio para que haja correspondência entre a blusa e a saia. Caso seja necessário, acerte-se a direção do fio, levantando-se o ombro nas costas ou na frente, não esquecendo de ajustar a cava de acordo com a modificação executada. Verifique-se também se as pences estão corretas, pois delas depende o apuro da blusa na altura do busto. Não se deve esquecer que a blusa elegante não se deforma com os movimentos do busto ou do braço e nem deve ser muito apertada ou muito folgada, permitindo-se o tronco se mova com facilidade. Para isso, aumente-se ou diminua-se por baixo do braço, conforme o necessário, sem esquecer de acentar a cava.

A linha do decote deve ser controlada, mas não se torça o corpo para acentuar as costas. Aprenda-se a observar no espelho as modificações que se impõem, avaliando quando é necessário corrigir. Se a linha do pescoço estiver apertada, faça-se pequenas incisões na fazenda da costura, tendo-se o cuidado de não cortar demais. A borda assim picotada poderá ser depois cortada fora.

Nas provas seguintes, então experimentar-se-á o vestido completo, com a cintura e as mangas (se elas forem montadas) alinhavadas. Verificar-se a costura que prende o corpo do vestido à saia correspondente à linha natural da cintura. Se for necessário, desmanche-se os alinhavos, suspenda-se ou abaixe-se a costura até ficar certa. Observe-se se o cinto não aperta demasiadamente ou se não está frouxo. Não se deve forçar a posição. Se houver manga, verifique-se se está bem colocada na cava. Com o braço caído em posição natural, a manga deve cair paralelamente, desde o tópo, com o fio perpendicular ao chão. Quando as mangas repuxam para trás, desmanche-se os alinhavos que as unem às cavas e acentue-as cuidadosamente, até caírem corretamente. Quando a primeira é bem feita, com todas as costuras corrigidas com atenção, não se encontrará dificuldades nas provas seguintes e a execução final do vestido correrá sem tropeços.

Depois de todos estes rudimentos de corte e costura, vistos em todas as lições dadas até hoje, daremos na próxima semana o esquema básico do corte de uma blusa.



1. M. ISABEL DE AQUINO GARIGLIO — (P. Nova — Minas) — Elegante vestido para casamento, em tafetá e veludo pretos. Blusa de tafetá com punhos e forro do decote alto em veludo. Saia ampla formada de quadrados alternados dos dois tecidos.

2. MARIA LUIZA DO COUTO BRON — (Goiás) — Vestido em cetim verde-branco. Saia gôde com "plissé-solati" na parte superior. Blusa fechada por botões-fantasia, mangas três-quartos, também guarnecidas de "plissé-solati", junto aos punhos.





- 1 JACI BARRIOS COSTA — (Recife — Pe) — Vestido em praia, cuja frente possui uma parte retangular abotoada, sob a qual vêm se prender as abas dos bolsos embutidos. Mangas japonesas.
- 2 RUTH RIBEIRO — (DF) — Modelo em shantung com recortes na blusa, imitando bolero. Dois bolsos na saia, aplicados em ângulo e dos quais descem duas pregas simples.
- 3 KATIA SOKOLOFF — (DF) — Eis o modelo para a amostra do tecido que nos enviou. Pettit-lho branco em V, com laço de veludo preto na gola. Saia em forma, com recortes.



1 IRACEMA ROGICH — (Sorocaba — SP) — Vestido de linho, cujo decote está limitado por três abas triangulares. Saia reta com um avental. Botões cobertos.

2 HELOISA SALES — (DF) — Duas peças em shantung azul. Saia reta, casaco sem mangas com pregas oblíquas e bolsos verticais.

3 HELOISA COSTA — (Niterói — E. do Rio) — Muito simples, este modelo de mangas raglan curtas, tem o decote recortado e saia justa, amoldada à cintura por meio de quatro profundas "pences" não costuradas.

1 MYRIAM R. BUENO — (S. Paulo) — Vestido de organza de "pois" com laço plissado na blusa e barra também plissada na saia goda, am-
bes no tom do "pois".

2 LENYTA FERREIRA — (Santos — S. Paulo) — Para o seu filho, desen-
hamos este modelo de tafetá ver-
de com cinto e botões pratas. Pre-
gas religiosas na blusa e na barra
da ampla saia franzida.

3 GENI MORELI — (Sorocaba — S. Paulo) — Em linho, este vestido
está guarnecido de pregas, de re-
corte abotoado na blusa e de boi-
sos emboutidos na saia.





- 1 JÚLIA FREITAS — (DF) — Vestido de seda estampada com uma pante lisa na frente, que forma a gola. Mangas três-quartos com punhos.
- 2 MARIA SARMENTO — (DF) — Vestido de seda, com incrustações trabalhadas de nervuras na blusa e ao nível dos quadris. Saia reta.
- 3 MARY JANE — (C. Grande — M. Grosso) — Vestido linho azul, blusa guarnecida de bolsos aplicados, Saia godê, também com bolsos aplicados, mas de tamanhos diversos e em níveis diferentes.



1 MARIA TEREZA — (Recife — Pe) — Vestido de seda preta, adornado por uma écharpe de tafetá cinza-prateada, que circunda o decote, atravessa uma abertura da blusa e cai solta sobre um dos quadris.

2 JULIA CAVALHEIRO — (S. Cecília — SP) — Vestido em "paille" verde, decote em V, guarnecido por uma gola vertical em veludo preto, combinando com os punhos. Toda a largura da saia godê está jogada para trás.

3 ICLÉIA MARIA P. NETO — (Vila Velha — ES) — Vestido de tafetá cor-de-coral, com viéses brancos no decote, na barra das mangas e na saia godê.



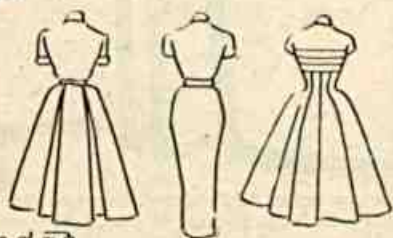
Gil Brandão
Rio



1 **MARIA DIAS MOREIRA** — (Df) — Próprio para sua idade, eis um modelo de linho cuja frente é constituída por um recorte abotoado, em V, ao qual se prende o cinto. Bolsas triangulares na saia, de cujos vértices descem pregas, que dão maior largura à saia godê.

2 **IVES MACIEL** — (Campos — E. do Rio) — A frente deste modelo de seda amarela possui um recorte abotoado em forma de pirâmide, que limita na saia dois bolsos embutidos.

3 **MARLY B. DE SOUZA** — (Niterói — E. do Rio) — Vestido de linho com recortes horizontais no busto, abaixo dos quais descem panos, que modelam a cintura e se abrem numa ampla saia.



Gil Brandão
Rio



Gil Brandão
Rio

1. YOLANDA MATTOS — (Rio) — Vestido de noiva em cetim "dutchesse". Incrustações plissadas descom pela blusa e se prolongam lateralmente pela saia. Tocado de flores de laranjeiras.

2. LEONOR TOBAL — (S. Paulo) — A pala da blusa, ou babuio das mangas, e o avental das saias são executados em organza adornada por ordens de renda em duas larguras. A saia e a blusa são de feltro. Tocado de renda.

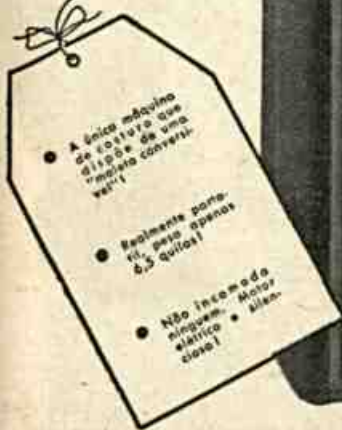
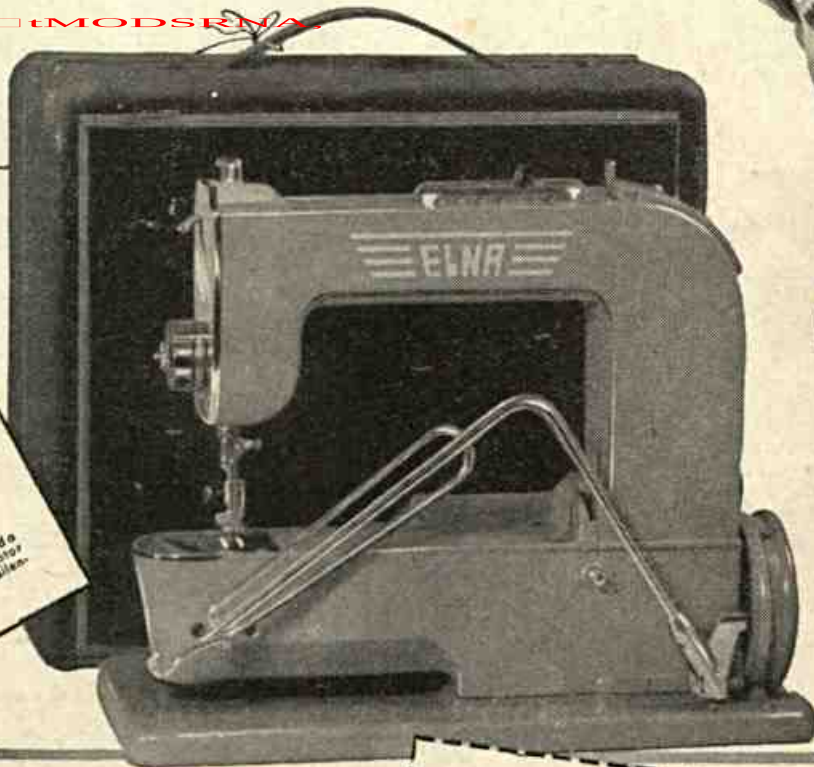
esta é
a sua

Oportunidade!

Durante um período especial, as máquinas ELNA serão vendidas sem entrada inicial, podendo a Sra. comprar a sua ELNA em suaves prestações mensais. Esta é a oportunidade que a Sra. esperava. Não a deixe passar, fazendo hoje mesmo uma visita à loja ELNA e inscreva-se no novo plano de pagamento.



É MODERNA, ELÉTRICA, PORTÁTIL.



COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro	Av. Caldeiras, 23 - Tel. 32-5642
São Paulo	e Av. Rio Branco, 120 - Lóca 22
Belo Horizonte	Rua 7 de Abril, 248 - Tel. 34-8 51
Porto Alegre	Rua Tamolhos, 90 - Tel. 2-1930
Recife	Rua dos Andrades, 1538 - Tel. 9.1643
Curitiba	Rua da Concordia, 143
Juiz de Fora	Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Santos	Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 108 - Tel. 1636
Salvador	Rua João Pessoa, 16 - 4º andar - Tel. 2-7458
Campanas	Ed. Sul América - Trav. Bonifácio Costa, 2 - salas 513/515
	Rua 13 de Maio, 410

Solicite-nos, sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residência.

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Código: _____ Tel.: _____



VESTIDINHOS DE VERÃO, SIMPLES, CÔMODOS E, ACIMA DE TUDO, ENCANTADORES PARA NOSSAS FILHAS.

GRANCA BEM VESTIDA ENVAIDECE OS PAIS

Sugestões da



Casa Valentim

VESTE AS CRIANÇAS DO BRASIL

Atendemos pelo Reembolso Postal — Solicite Catálogo ao Departamento do Interior — Rio — Rua Sete de Setembro, 122 a 128 — Matriz

FILIAIS:

São Paulo
Rua Libero Badaro,
126

Belo Horizonte
Av. Afonso Pena,
543

Porto Alegre
Rua Andradás,
1625



- 1 Vestido de seda lisa, adornado por tiras de cetim preto, combinando com os punhos e a gola.
- 2 Guarnições de tecido escuro num vestido de rayon liso. Blusa destacável e corte de alças.
- 3 Em shantung com pastilhas pretas, este vestido tem um laço no decote amplo e duas fileiras de botões.
- 4 Fitas-creme sublinham a gola e o bôlso recortado deste modelo em fustão.



Para a Intimidade

Camisola de cetim, corpo colante em ponto e ampla saia franzida. Motivos de flores aplicadas em cetim azul, no busto e na saia. Folhas bordadas em ponto cheio apenas nos contornos. Alças de fita, dante lago nos ombros.



1 Vestido frente-única em tecido listrado, com uma barra guarnecida de flores aplicadas. Grande laço no decote.

2 Em algodão quadriculado, este vestidito tem uma grande lapela recortada, que termina por uma aba assimétrica de um lado da saia.

3 Um aêcharpe de surati de "pois" atravessa um recorte pontagudo na blusa e cai sôto por baixo do cinto.

4 Em shantung estampado, este modêlo sem mangas apresenta uma imitação de colete e um grande laço no ombro.

departamento de modas

COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDIDAS :

FIG. 1

- 1.º — ombro
- 2.º — comprimento da blusa
- 3.º — largura do busto (circunferência)
- 4.º — largura da cintura (circunferência)
- 5.º — largura do quadril (circunferência)
- 6.º — comprimento da saia

FIG. 2

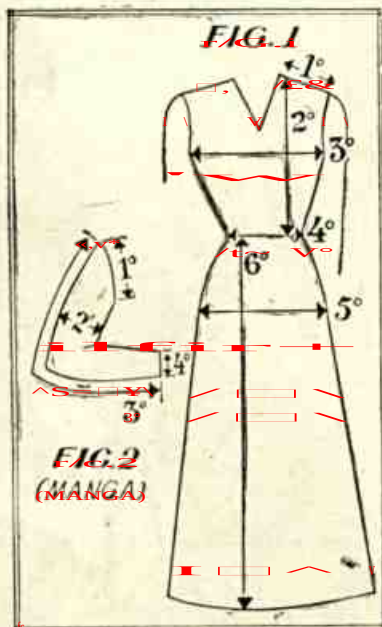
- 1.º — circunferência da cava
- 2.º — largura da manga
- 3.º — comprimento da manga (dedo dobrado)
- 4.º — largura do punho.

A TENÇÃO :

O Departamento de Modas de FON-FON está aparelhado para, doravante, aceitar encomendas de moldes de quaisquer modelos publicados em revistas ou figurinos nacionais ou estrangeiros, ao preço de Cr\$ 15,00.

FON-FON procura, deste modo, atender, ainda mais amplamente, suas leitoras, bastando, pois, enviar o modelo escolhido, com o número de seu manequim e quaisquer outros detalhes que julgar necessários, juntamente com a importância de quinze cruzeiros (que pode ser em selos de Cr\$ 0,40) anexa, para um dos seguintes endereços: — Rua Pedro Alves, 60, ou Rua da Assembléia, 79 — loja — "A Tulipa".

OS MOLDES DOS FIGURINOS PUBLICADOS POR "FON-FON" CONTINUAM A SER OFERECIDOS GRATUITAMENTE, BASTANDO, PARA ISSO, ENVIAR O COUPON PUBLICADO ABAIXO.



UM MOLDE GRATIS PARA VOCE

FON-FON se propõe a enviar-lhe gratuitamente, o seu molde individual.

A pessoa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acordo com as explicações ao lado.

O coupon publicado nesta página vale por um molde de qualquer dos figurinos estampados neste número de FON-FON.

Poderá o coupon ser entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, para os seguintes endereços: — MOLDES FON-FON, rua Pedro Alves, 60, ou a Rua Assembléia, 79, loja, A TULIPA — Rio de Janeiro.

Atendemos pedidos de qualquer Estado do Brasil.

UM MOLDE GRATIS PARA VOCE - (1-3-1952)

QUEIRA REMETER-ME, COM BREVIDADE, O MOLDE DO MODELO Nº DA PAGINA, DE ACORDO COM AS SEGUINTE MEDIDAS:

FIG. 1

FIG. 2

1.º	2.º
3.º	4.º
5.º	6.º
7.º	8.º
9.º	10.º
11.º	12.º
13.º	14.º
15.º	16.º
17.º	18.º
19.º	20.º
21.º	22.º
23.º	24.º
25.º	26.º
27.º	28.º
29.º	30.º
31.º	32.º
33.º	34.º
35.º	36.º
37.º	38.º
39.º	40.º
41.º	42.º
43.º	44.º
45.º	46.º
47.º	48.º
49.º	50.º
51.º	52.º
53.º	54.º
55.º	56.º
57.º	58.º
59.º	60.º
61.º	62.º
63.º	64.º
65.º	66.º
67.º	68.º
69.º	70.º
71.º	72.º
73.º	74.º
75.º	76.º
77.º	78.º
79.º	80.º
81.º	82.º
83.º	84.º
85.º	86.º
87.º	88.º
89.º	90.º
91.º	92.º
93.º	94.º
95.º	96.º
97.º	98.º
99.º	100.º

NOME:

RUA:

CIDADE:

ESTADO:

Nº:

NOVO MÉTODO DE COSTU- RA "FON-FON"

Chamamos a atenção de nossas leitoras para o Novo Método de Costura que está sendo lançado por FON-FON, método esse de autoria de D. Eloyne A. de Araújo, e revisão artística de Gal Brandão. A finalidade do Departamento de Modas de FON-FON, ao lançar este novo e prático Método de Costura, é habilitar todas as suas gentis leitoras a fim de que possam confeccionar seus próprios vestidos, ou quaisquer outras costuras que desejarem.

CORRESPONDÊNCIA

CATHARINA DI MONACO — (S. Paulo) — Sugere que o FON-FON apresente como moldes, em sua página especial, um modelo para noite, tarde e dia, numa mesma, variando para as demais, e aconselhando o bem vestir.

R.: — Sinceramente, não compreendemos muito bem a sua sugestão. Poderia explicar-nos melhor? Quanto aos conselhos sobre o bem vestir, bastam ler a crônica inicial, que abre a seção de modas de FON-FON.

ALBA LÚGIA DO AMARAL — (Taubaté) — (Pernambuco) — Solicita-nos o molde de um vestido de baile, pedindo várias informações sobre a maneira de executá-lo.

R.: — Vejamos, uma de cada vez, as respostas para as suas perguntas: a) — sendo o gosto cortado em quatro semi-círculos, a largura da fazenda deverá ser um pouco maior que o comprimento total da saia, isto é, cerca de 1m,10 a 1m,20. A metragem da organza necessária será de 10 metros, se colocar quatro semi-círculos na saia, e 8 metros se colocar apenas três. Para os babados plissados serão necessários mais 5 metros. b) — Os babadinhos plissados da blusa têm largura igual de 5 cm. Os babados da saia vão aumentando 3 cm de um para o outro: o primeiro terá 8 cm, o segundo 11, o terceiro 14 até o último que terá 20 cm de largura. c) — No apêço dos babados pode colocar um bico estreito. d) — Naturalmente que a saia leva uma armadura, que pode ser feita de tafetá duro, utilizando o mesmo molde da saia. Compare estas respostas com os moldes, assim que os receber, e tudo ficará mais claro.

RYVONE ROCHA — (Teresópolis) — Ha longos anos que para mim FON-FON é a melhor e a mais útil revista para a mulher. De dois anos para cá, todavia, FON-FON superou todas as revistas do Brasil. Votos de felicidade e parabéns a FON-FON.

R.: — Sensibilizados agradecemos tanta gentileza.

SECREDOS...

(Conclusão)

forma, um vestido amarelo, cujo busto é preso por alças, seja ele curto ou comprido, terá maior beleza se uma das alças for totalmente coberta por uma longa guilândia de cravos feitos de organdi preto, e se for usado com o acompanhamento de luvas brancas compridas. Robert Piguet mostra, numa de suas coleções, um vestido de renda muito simples, sem mangas e de decote em "V", cujo único interesse consiste num grande "bouquet" de rosas amarelas, preso ao ombro direito. René Collart utilizou as flores de uma maneira original, semeando violetas de Paris no decote redondo sem mangas, à semelhança de um "sweater" preto dos colares havaianos. E na curva do decote acrescentou um pequeno "bouquet" das mesmas flores, porém de cor branca.

Um "tailleur" de cor sombria terá um aspecto muito mais leve, se for usado com duas rosas gigantes de cor viva, presas à lapela no busto ou ao bôzo na basque do casaco. Semelhantemente, um vestido de organza de saia ampla, e de uma só cor, ficará muito mais gracioso quando usado com grande cacho de flores pequenas e coloridas preso ao cinto e caindo em guilândia sobre a saia.

As flores nos cabelos devem ser raramente usadas, pela sua semelhança com os costumes nativos das ilhas do sul ou do nosso sertão. No entanto, são muito elegantes os toques, isto é, pequeninas chapéus-ornatos de flores ou totalmente feitos com elas. Jeanne Lafaurie deu muita graça a um par de luvas brancas para noite, das que sobem acima do cotovelo, adornando apenas uma delas, com duas rosas vermelhas bem grandes.

G. B.

OS MOLDES DA SEMANA

Vestido em listro branco enfeitado com estampado de "pois" na frente e na gola. Criação de De Johnson para a estação atual. — Manequim 46 — Moldes de 1 a 10, no Suplemento.





- 1 Blusa em popeline, com recortes nervurados. Grande gola. Sala gola estampada e faixa na cintura.
- 2 Blusa de cambraia de linho, adornada por bordados em "richelieu".
- 3 Blusa decotada, com recortes festonados e flores aplicadas, cheio. Amplo decote em V, guarnecido por uma rendinha.
- 4 Blusa adornada por pequenos motivos bordados em ponto estreito.
- 5 Blusa em shantung de bolos, trespassada, dando um laço lateral. Babados à guisa de mangas.

CURSO DE CORTA E COSTURA

Mme. ELOYNA ANNECCHINI DE ARAÚJO

AV. ROMA, 421 — Bonsucesso — Tel. 30-0276

Sete caprichos*

à sua escolha!

Com características diferentes, de malha, tom e preço, apresentam-se as Meias OLGA como verdadeiros caprichos de qualidade e bom gosto, submetendo-se ao teste... do capricho de sua escolha. F qualquer uma que você adquirir, é sempre meia de grande classe e qualidade insuperável.

Olguinha — 40 Deniers Cr\$ 32,00

Olga Super Nylon . . . Cr\$ 48,50

Olga Fina — Malha 60 . Cr\$ 52,50

Olga Luxo — 15 Deniers Cr\$ 58,50

Olga Super Luxo — 60 Gauge 15 Deniers Cr\$ 68,50

Olga Ouro — Malha 66 Cr\$ 75,00

Olga Chic — 10 Deniers (contorno de calcâneo) Cr\$ 88,00

Casino — Malha 51 Cr\$ 37,00

Hollywood — Malha 63 Deniers 10 Cr\$ 89,50

H. M. L. Nylon Extra Cr\$ 110,00

casas olga
a tradição no comércio de meias

RUA DO OUVIDOR, 122 • RUA URUGUAIANA, 20 e 22 • RUA 7 DE SETEMBRO, 133 • AV. RIO BRANCO, 119

Voga Publicidade



Arte de ser Bela



CUIDEMOS DE NOSSOS ALIMENTOS

E preciso fazer com que nossos alimentos sejam sempre puros, de qualidade superior e completamente sãos, pois as misturas com substâncias baratas tiram-lhes o valor nutritivo. Toda a substância que se ingira deve ser também fresca pois, do seu defeito, nos expomos a mal-estares gástricos desagradáveis, quanto não a intoxicações e enfermidades da pele.

Os alimentos vegetais que se ingerem crus, devem ser submetidos à uma estrita higiene antes de serem levados à mesa. A dona de casa deve cuidar ao máximo deste detalhe em benefício da própria saúde e de sua família. Os que se ingerem cozidos devem ser submetidos ao processo correspondente uma vez limpos em água com sal e em água pura caso se deseje que seus sabores permaneçam neles.

Devemos sempre evitar os excessos na comida, os abusos de picaantes e álcool que trazem, como consequência, digestões lentas e padecimentos difíceis de curar.

O levedo de cerveja fresca ou em tablets é muito benéfico para o organismo. Ele contém onze vitaminas e catorze minerais que o corpo necessita, possuindo ainda a maioria das vitaminas B. É recomendável para normalizar o funcionamento intestinal e para o vigor da cutis.

As comidas excessivas, sobretudo se são fora das horas de refeições, provocam a fadiga do aparelho digestivo e enfermidades da nutrição, obesidade, diabetes, artrismo, reumatismo e outros transtornos, assim como intoxicação geral, congestão de fígado, cansaço arterial e arteriosclerose.

As massas são muito saborosas e tentadoras para aquelas que não sabem resistir ao desejo em benefício da silhueta, porém são sempre estas as primeiras a lamentar que aumentam de peso e que envelhecem prematuramente.

Tanto as pessoas desejosas de ganhar peso, como de perder, devem consumir carne em suas refeições diá-

rias, pois a carne assegura ao corpo humano a sua provisão de proteínas de alta qualidade, vitaminas E e mi-

nerais que são elementos nutritivos essenciais para a conservação da saúde.



OUÇAM, AS QUARTAS-FEIRAS, DAS 14 AS 14:30 HORAS, NA SUA PRAÇA, RÁDIO MAYRINK VEIGA, O PROGRAMA "ARTE DE SER BELA" SOB O PATROCÍNIO DOS PRODUTOS LABORATÓRIO VELMAN.

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

**PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.**

Sete Dias da Rotina de Beleza

DEVERES DE FÉRIAS

III

1.º **CULTURA FÍSICA:** — Dez minutos por dia execute os exercícios que a ajudarão a manter ou melhorar a sua linha.

2.º **TRANSPIRAÇÃO:** — Contanto que não coincida com o da depilação, — aplique um líquido contra a transpiração.

3.º **DESODORISAÇÃO:** — diária e suavemente passe, nas axilas, no colo e entre os dedos dos pés um creme desodorizante.

4.º **DEPILAÇÃO:** — Com gilete, remova os pelos. Mantenha, as pernas e os braços lisos empregando a pedra-pome.

5.º **LIMPEZA DA PELE:** — Use um creme de limpeza e um tônico líquido. Se sua pele é oleosa, use abundante água e sabonete.

6.º **LINHA DAS SOBRANCELHAS:** — Unte as sobrancelhas com óleo fino, e faça a depilação de baixo para cima.

7.º **MAQUILAGEM:** — De acordo com a tonalidade de sua pele, bem igual, não muito acentuada e de maneira que possa permanecer até a noite.

8.º **XAMPO E "MISE EN PLIS":** — Lave os cabelos antes de tornar a fazer o "mise en plis". Faça duas ensaboadelas e enxague por duas vezes.

9.º **CREME PARA A NOITE:** — Às noites espalhe sobre o rosto e o pescoço um creme. Retire-o depois de alguns minutos.

10.º **CUIDADO DOS PÉS:** — Vá ao pedicuro, mas diariamente passe: lima nas unhas, pedra-pome nos calcanhares e sola dos pés e óleo nas peles das unhas.

11.º **COMO ESCOVAR OS CABELOS:** — As noites umas 100 vezes rapidamente, por todo o comprimento dos cabelos, com a testa inclinada para a frente.

12.º **CUIDADO DAS MÃOS:** — Vá à manicure, mas todos os dias, unte as cutículas e faça massagem, empurrando-as para cima.

13.º **ÁGUA DE "TOILETTE":** — Fricione o corpo com loção várias vezes ao dia, com o auxílio de uma vaporizador.

14.º **MASCARA DE BELEZA:** — Aplique máscara corrigindo imperfeições da cutis e ativando-lhe a circulação.

15.º **RETIRAR A MAQUILAGEM:** — Retire a maquiagem deixando a pele respirar antes de aplicar o creme para a noite.

2.ª	3.ª	4.ª	5.ª	6.ª	S	D

As atividades que exigem constância e jeito, mas com o tempo, você as transformará em rotina. Leve em conta as estações do ano. Acima, lhe oferecemos um resumo dos deveres de férias: atividades em sete dias e graças aos quais você permanecerá sempre bela.

O Rádio e sua Função Social

A CARAVANA DA BOA VONTADE NA ASSOCIAÇÃO DAS DONAS DE CASA — FALA A "FON-FON" A SRA. NINI MIRANDA — O EXEMPLO DA CARNE FICARÁ NA HISTÓRIA...

QUE é a Associação das Donas de Casa? Essa popular entidade está entrosada com FON-FON, na série de programas que "a revista feita para o lar" apresenta na Rádio Mayrink Veiga, de segunda-feira a sábado, no horário das 14 às 14,30 horas. Muitas ouvintes e leitoras, do Distrito Federal e dos Estados, escrevem pedindo informações pormenorizadas. Podemos, hoje, satisfazer a todos esses pedidos, pois a visita da Caravana da Boa Vontade à Associação das Donas de Casa nos deu motivo para uma interessante reportagem. Intelectual, quando essa visita se fez, a ilustre fundadora da Associação das Donas de Casa havia sido submetida a delicada intervenção cirúrgica. Tanto assim que, após a visita, os Legionários da Boa Vontade foram ver Dona Nini Miranda na Casa de Saúde São Sebastião. Graças a Deus, ela está em plena convalescença, e brevemente tornará ao microfone da PRA-9.

A Associação das Donas de Casa tem sua sede no casarão n. 18 da Rua Marquês de Abrantes. Ali se trabalha, realmente, por um Brasil melhor. Por isso mesmo, foi em boa hora que Nini Miranda ingressou no rádio, tão precisando de elementos para cumprir sua missão social. A presidente da instituição recebeu o jornalista com aquela distinção que todos lhe conhecem. E disse:

— A Associação das Donas de Casa (em defesa do lar) foi fundada em

das suas soluções mais adequadas, reclamadas dos Governos respectivos medidas que deles dependiam. A Associação tem, hoje, uma experiência de sete anos de lutas pelo bem da família. Conhece os seus problemas a fundo, e tem trabalhado, de modo prático, contra as coisas erradas que se praticam e trazem o empobrecimento dos brasileiros, a vida miserável, as dificuldades de toda natureza, explicáveis e suportáveis durante a guerra, quando imponderáveis fatores governam os povos, mas insuportáveis e inexplicáveis num período de paz, quando só dos homens que governam dependem a tranquilidade e a felicidade do povo. Eis problemas frontalmente atacados pela Associação: —

1) — Crescente custo da vida. Como combater os intermediários? Fundemos Cooperativas de Consumo. 2) — Estimulo à produção hortícola. Como aumentar a produção? Fundamos Cooperativas de Crédito, para financiar os horticultores, os granjeiros, as pequenas indústrias domésticas. 3) — Problema do serviço doméstico. Fundamos escolas para empregadas domésticas. 4) — Problema da mulher sózinha. Fundamos a Casa da Mulher que Trabalha. 5) — Problema dos menores abandonados. Fundamos o Abrigo do Menor Abandonado. E é o que temos realizado!

E disse mais a sra. Nini Miranda:

— Contra o encarceramento dos gêneros alimentícios e objetos de uso doméstico, a Associação das Donas de

Casa fundou Cooperativas de Consumo, onde suas associadas adquirem gêneros de boa qualidade com garantia de preço, a preço justo, sem os lucros extorsivos dos intermediários. Atacando o problema fundamental da produção agrícola e hortícola, além da pequena indústria, a Associação fundou uma Cooperativa de Crédito, para fornecer meios financeiros aos pequenos produtores e granjeiros, para produzir, abundantemente, produtos que são vendidos através das Coop. de Consumo, a preços justos e compensadores. Essa Cooperativa de Crédito tem por objetivo auxiliar diretamente as Donas de Casa em suas dificuldades financeiras, proporcionando empréstimos para a instalação de pequenas indústrias caseiras que aliviam o orçamento doméstico, proporcionando trabalho a todos os membros da família em seus próprios lares.

A escassez de empregadas domésticas, obrigando a que famílias inteiras se alimentem e pratiquem atos e reuniões íntimas em restaurantes e outros locais públicos, é motivo determinante da desagregação de inúmeros lares. A Associação das Donas de Casa fundou a Escola Para Empregadas Domésticas, um verdadeiro centro orientador do serviço doméstico, onde cada uma recebe instrução adequada ao serviço a que se destina, sendo — depois de convenientemente fichada — examinada em sua saúde, instruída e encaminhada às casas de família onde exercerá suas funções, ainda sob controle e responsabilidade da Associação.

Também procurou a Associação tomar a si o encaminhamento da imigração de mulheres desajustadas da Europa. O Departamento de Imigração falhou completamente nesse setor, pois os funcionários públicos encarregados desse Departamento não deciam a solução desejada.

Atendendo ao problema da mulher sózinha, aquela que, pelas circunstâncias da vida, é obrigada a trabalhar, a viver nas grandes cidades, afastada da família, fundou a Associação a Casa da Mulher que Trabalha, onde acomoda moças, funcionárias, comerciantes, estudantes, bolsistas, turistas, sem distinção de credos ou categoria social.

A vida caríssima nos grandes centros e a alta contínua dos preços condãoem as pessoas, responsáveis por uma família, a medidas extremas. As mães, para ajudar a economia doméstica, se atiram ao trabalho externo, entregando os filhos à guarda de empregadas (quando as podem ter) e, as mais das vezes, largando-os aos cuidados precaríssimos dos vizinhos, quando não os abandonam, definiti-

A Caravana da Boa Vontade na Cooperativa de Crédito Auxiliar das Donas de Casa (Banco Cadeco). O gerente do Banco, sr. Antônio Cunha, explica a Alziro Zarur como funciona o "Cadequinho" (cofres que a Associação distribui às suas associadas).



1944, em plena guerra. Seus objetivos principais eram o amparo e proteção à família brasileira, num momento grave da vida nacional. Nesse sentido, colaborou com o Governo, dando o seu decidido e eficiente concurso na distribuição e racionamento do leite, e posteriormente na distribuição dos tecidos populares, em cooperação direta com a Mobilização Econômica. Terminada a guerra, suas atividades se ampliaram e cresceu o seu número de associadas. Todos os problemas que afetam a economia doméstica, o bem-estar da família, a paz e a tradição da nossa vida no lar, foram estudados, debatidos, procura-

A comissão da LBN que visitou Nini Miranda na Casa de Saúde S. Sebastião: Alziro Zarur, Zilah Bastos Seabra, Dolores, Zoraida e Júlio G. Atlas, J. Bráulio de Mesquita, Zilah Monteiro, Flávia Regina e Maria Hene.



(Reportagem de STÉLIO RODOLFO)

(Fotos de MARIO C. RODRIGUES)

vamente nas ruas. Daí o quanto crua-
mente dos memores abandonados, pro-
blema das grandes cidades, como o
Rio e São Paulo, pois só no Rio exis-
tem uns 80.000 memores ao léu da
vida! Atendendo a esse problema, a
Associação iniciou, em 1947, uma
campanha financeira para a constru-
ção de um abrigo para memores, cujo
projeto foi exposto ao público, e que
abrigará, de início, 200 crianças.

Partindo do fundamento de que a
Nação é uma grande família, compo-
sta de milhares de pequenas famílias,
é evidente que a felicidade da Nação
é a resultante da paz, da tranqüili-
dade de cada lar. E quem dirige, com-
manda, atende, sofre, e dá alegria ao
lar? A mulher. Mãe de família. Quem
resolve todos os problemas da casa,
como alimentar, vestir, calçar, hie-
gienizar, educar os filhos, conduzir os
negócios domésticos? A Mãe de Famí-
lia. Nem foi por outro motivo que a
sob a pressão da opinião pública, o
Ministério do Bem-Estar Social, que
tem como finalidade cuidar do bem-
estar da família brasileira!

Em face da progressiva desagrega-
ção da família brasileira, patetemen-
te demonstrada na conduta irregular
observada em todas as camadas so-
ciais, descumprimento para o crime, o
abandono dos filhos, o abandono dos
lares, tudo agravado pelas dificulda-
des de morar e de viver decentemen-
te, torna-se imperativo contrapor um
dique a esse descabro, o que só po-
derá ser feito com o ataque direto às
causas de origem.

Como se vê, estão aí bem definidos
os objetivos da Associação das Donas
de Casa, cujos programas, no ciclo
FON-FON, ao microfone da Mayrink
Veiga, são apresentados às ténas e
quintas. Ultimamente, essas audições
das donas de casa registraram uma
espetacular vitória: foi o caso da
carne. Os preços chegaram a uma
exorbitância tal, que a Associação das
Donas de Casa lançou a greve branca,
apelando para todas as mães no sen-
tido de não comprarem carne por
esses preços proibitivos e escorchan-
tes. E a resposta não tardou: os aco-
gueiros tiveram de recuar! Pelo me-
nos agora, no momento em que es-
crevemos estas linhas, a vitória per-
tence mesmo às donas de casa...

Tudo isso prova que é preciso dar
ao rádio a sua função eminentemente
social, em benefício do povo brasi-
leiro. Já chega de tanta inutilidade,
que infelicitou o nosso "broadcasting".
Chegou a hora do rádio de mensa-
gem! E quem não tiver capacidade
para realizá-lo, com patriotismo e
dignidade, será automaticamente su-
perado pelos fatos...

Nini Miranda, presidente da Associa-
ção das Donas de Casa, quando reali-
zava sua palestra na LBN. A seu lado,
Alzira Zarur e Jurema Machado.



Alzira Zarur, presidente da Legião da Boa Vontade, na Associação das Donas de Casa, com as sras. Zilah Monteiro, Yaya Silveira, Rosaly Quimela, Maria Pontes e Thais Abreu, e o sr. Antônio Cunha.



Aspecto da Cooperativa de Consumo das Donas de Casa, vendo-se as sras. Zilah Monteiro e Thais Abreu atendendo à clientela...



Grupo de hóspedes do pensionato da Associação das Donas de Casa. São verdadeiras irmãs...



(Conclusão)

Professor Luis
Vitória.DEPOIMENTO DE LUIS A. P.
VITÓRIA

(Luis Vitória, ex-diretor do Ginásio de Jônâs, autor de doze livros didáticos e professor em vários ginásios desta Capital, jornalista e graduado pela Faculdade de Filosofia é um dos grandes líderes dos professores secundários do Brasil).

PODIA ESTAR CERTO, MAS ESTÁ ERRADO!

As matérias do currículo são todas necessárias à cultura, sem dúvida, mas o defeito está na distribuição, assim como no excesso de horas para certas disciplinas em detrimento de outras mais necessárias.

Um dos grandes defeitos reside também no congestionamento dos programas, visando mais o "cientificismo" do que os conhecimentos práticos. Vamos, porém, diretamente a um assunto de maior importância: o exame do estado. A sua falta pode imputar-se a desmoralização gradativa dos exames, que são realizados nos próprios estabelecimentos dos interessados na aprovação dos alunos. Estabelece-se um círculo vicioso. Se o professor reprova: ou o diretor o dispensa e, quando não, perde as turmas que deixam de ser promovidas à série seguinte. Daí advindo uma redução nos seus já precários salários, uma vez que o professor ganha por turma lecionada.

NO TEMPO DOS EXAMES PARCELADOS

Com os programas atuais é difícil à criança adquirir todos os ensinamentos que, entretanto, se adquiriam na época dos exames parcelados quando o número de disciplinas exigidas para os exames finais era o mesmo.

O CUSTO DO ENSINO

É, indubitavelmente, caro o ensino em relação ao fraco poder aquisitivo do povo. Todavia, o ensino não acompanha, na mesma proporção, o encarecimento das demais utilidades, continuando completamente desamparado pelos nossos governos que, entretanto, acharam meios de amparar reglamente o ensino superior, o que é de admirar num país democrático, que se deveria cuidar mais da difusão do ensino médio, que é o ensino genuinamente popular.

O preço dos livros didáticos não é exorbitante, como em geral se diz: veja-se o preço de um caderno em branco, de cem folhas. Custa quase o mesmo que um livro do mesmo número de folhas. Não obstante, há a despesa da impressão, da clicheira, dos direitos autorais, o encalhe de livros — o que não acontece com os cadernos — e até a nossa pobre ortografia que todos os anos muda levando os editores a pequenas tiragens com receio de aumentar os encalhes, o que aumenta o preço do livro.

A "COLA"

A "cola" atribui-se a duas coisas: a) — ao aluno dispendioso, que sabe que vai ser aprovado, que, não havendo estudado, lança mão desse recurso ao qual o professor fecha os olhos porque sente que terá de aprovar de qualquer forma; b) — o próprio aluno estudioso a ela recorre por saber, por experiência que aos coladores são atribuídas as melhores notas. E tudo isso devido à anarquia que o congestionamento dos programas proporciona, e à desintegração generalizada do caráter uma vez que o aluno sabe que o principal para se subir na vida é o pistóla.

MINISTÉRIO

Meus trinta anos de prática no magistério podiam levar-me a dizer muita coisa sobre o Ministério da Educação; prefiro, porém, nada dizer... Reservando-me para minhas memórias que, de futuro, publicarei.

(Continua na próxima semana)

Campanha da
Boa Vontade

(Por ZILAH BASTOS SEABRA)

OS FINS DA LBV

Prometemos aos leitores desta página, numa das edições anteriores de FON-FON falar das finalidades da Legião da Boa Vontade, cujo Estatuto foi objeto de um comentário nosso. É claro que não podemos, aqui, transcrever tudo o que se refere aos fins da vitoriosa Instituição. Mas vamos destacar algumas dessas finalidades da Campanha da Boa Vontade, que tem âmbito nacional:

— Mostrar aos homens que só as criaturas de Boa Vontade conhecem a verdadeira paz, conforme o cântico dos anjos, precedendo o nascimento de Jesus: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade!";

— Promover a fraternidade humana em bases verdadeiramente cristãs, as do Evangelho de Jesus interpretado em espírito e verdade;

— Provar que as religiões não salvam seus adeptos das consequências dos erros individuais;

— Estabelecer debates amistosos, entre representantes de todos os credos, focalizando especialmente o problema da sobrevivência da alma;

— Colaborar com os poderes públicos sob todas as formas, semeando os princípios da Boa Vontade pelo bem comum — nas repartições federais e municipais, nos estabelecimentos de ensino, nos templos religiosos, nas casas comerciais, nos veículos de transporte coletivo, nas vias públicas em seus aspectos de estética e higiene, etc.;

— Prestar às criaturas necessitadas, ligadas ou não à LBV, primeiro — assistência espiritual, e depois — assistência material, sem preconceitos de crença, classe social, raça ou cor;

— Apoiar as instituições de caridade e de assistência social, organizando para esse fim a Caravana da Boa Vontade, cujo objetivo é visitar essas casas beneméritas, conhecer-lhes os problemas e reivindicações, divulgando-os depois pelo rádio e pela imprensa, para obter-lhes a colaboração do público e do governo;

— Manter o Banco de Streptomioina, em benefício dos tuberculosos e seus descendentes;

— Pugnar pela obrigatoriedade do ensino da ciência Moral no Curso Secundário;

— Batalhar pela elevação do nível artístico e moral do rádio, do teatro, do cinema, da imprensa e da televisão, fatores de obscurantismo e dissolução da juventude, quando visam, apenas, efeitos comerciais pelo estímulo aos baixos instintos humanos;

— Sustentar uma campanha permanente contra o suicídio, mostrando aos sofredores e revoltados que o suicídio não resolve as angústias de ninguém e que eles podem modificar a sua vida com a ajuda incessante de Deus;

— Manter um grande programa de ação em benefício da criança, em todos os sentidos e sob todos os aspectos;

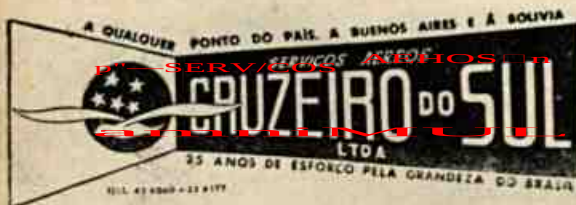
— Escrever os homens quanto à nocividade das doutrinas materialistas.

Como se vê, é grande o campo de ação dos Legionários da Boa Vontade, nesse trabalho santificante por um Brasil melhor e uma vida mais feliz para todos os brasileiros. Por isso mesmo, as pessoas de Boa Vontade devem ajudar o admirável movimento!

A NOVA DIRETORIA

A nova diretoria da Legião da Boa Vontade, eleita para o biênio 52-53, compõe-se dos seguintes nomes: Pre-

Aspecto da Assistência presente à última reunião da LBV na ABI. Paz na Terra aos homens de Boa Vontade...





A atual Diretoria da Legião da Boa Vontade: Alziro Zarur, José Alves de Oliveira, Antônio Meinicke Assmann, Maria Isabel Barroso, Clara Ferreira de Lima, Padre Marcos David Reichert e Victorino Eloy dos Santos.

sidente — Alziro Zarur Vice-Presidente — José Alves de Oliveira; Secretária — Antônio Meinicke Assmann; Tesoureira — Maria Isabel Barroso; Diretora de assistência espiritual — Clara Ferreira de Lima; Diretor de assistência social — Padre Marcos David Reichert; Superintendente das filiais — Victorino Eloy dos Santos. No próximo número de FON-FON, falaremos dos membros do Conselho Fraterno da LBV.

A INUTILIDADE DO SUICÍDIO

Frequentemente, as pessoas que passam por grandes angústias, de causa financeira, moral ou espiritual, alimentam a trágica idéia do suicídio. Como se a morte fosse o fim da vida e o repouso eterno... A verdade é precisamente o contrário: a morte é o princípio da verdadeira vida. E os que se matam, no auge da descrença ou da aflição, terão de sofrer as consequências do seu gesto infeliz. A verdade é que ninguém sofre sem uma causa justa: Deus dá a cada um de acordo com as suas obras, dentro da "Lei de Causa e Efeito". Os sofrimentos atuais são consequências das faltas passadas, desta ou de outra vida. Ninguém paga sem dever, porque a justiça divina é perfeita, é soberanamente justa. Para Deus não há "distinções" — essa instituição puramente humana, que envergonha a Humanidade.

E A CAMPANHA CONTINUA

A Legião da Boa Vontade atende ao público em sua sede, diariamente (Rua Acre, 47, 3.º andar). Realiza reuniões de confraternização espiritual no primeiro sábado de cada mês, no 7.º andar da ABL, sempre às 4 horas da tarde. Movimenta a Caravana da Boa Vontade, todos os meses, em visitas de apoio às instituições que a requisitem. Mantém na Rádio Mayrink Veiga, aos sábados, das 14 às 14.30 horas, sob o patrocínio das Casas Olga, o programa "Campanha da Boa Vontade".

A CARAVANA EM MARCHA

A Caravana da Boa Vontade esteve em demorada e proveitosa visita à Associação das Donas de Casa, na Rua Marquês de Abrantes, 18. A bela iniciativa da Sra. Nini Miranda merece uma reportagem especial. É o que faremos nas páginas de rádio, já que essa associação está entrosada com os programas que FON-FON organiza e apresenta na Rádio Mayrink Veiga, às terças e quintas-feiras. Que Deus ampare todas as instituições que trabalham pelo Brasil e pela Humanidade!



NÃO É SEGREDO...

LOÇÃO

FENOMENO TARRE

É O TÔNICO CAPILAR

DAS CABELEIRAS "FENÔMENAS"



ACIDO URICO



REUMATISMO



ARTRITISMO



GOTA

LYTOPHAN

EM TUBOS DE VINTE COMPRIMIDOS

NÚMEROS ATRASADOS DE "FON-FON" PODERÃO SER ADQUIRIDOS A RUA PEDRO ALVES, 60, OU SOLICITADOS PELO CORREIO. INFORMAÇÕES MAIS DETALHADAS, TELEFONES: 23-5180 — 23-6282 — 43-1527



DEFUMADOR INDIANO

O MELHOR DEFUMADOR EM TUBETES. USADO PELOS INDIAS NAS SUAS PUCIAS DE PAZ E RELIGIAIS E EM SUAS CASAS COMERCIAIS.
FABR. J. STEFANNI - RUA ESTACIO DE S.V. 11 - RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO

OS VICIOS DOS JOVENS COMEÇAM EM CASA

(Continuação)

tal, que a polícia aprendeu, é que a maior parte dos homens que danificam as crianças são ligeiramente conhecidos pelos pais destas.

Não há muito tempo, encontramos um alfaiate aposentado conhecido pelo apelido de Vovozinho pela eriançada da vizinhança. No pátio de sua casinha, organizara uma espécie de parque de diversões, com balanço, gangorra, e escorreguete. As crianças adoravam brincar ali. Passavam grande parte do tempo no tal pátio e os pais achavam aquilo ótimo. De repente, um menino de oito anos foi contar à mãe que "aquele homem era indecente". A polícia então descobriu que quando a esposa do Vovozinho saía, o velhote ia brincar "de casado" com as crianças. Nunca lhes fizera mal, fisicamente, mas era indecente. Se os pais tivessem vigiado melhor os filhos teriam evitado a estes a morbidez desse degenerado.

Um fato impressionante observado pela polícia é que as crianças delinquentes não têm "hobbies", isto é: distrações preferidas, pequenas manias inocentes. Tudo vão fazer na rua. As vezes porque não há espaço em casa, outras porque os pais não querem desarrumar o apartamento ou não querem ser molestados.

Não é muito difícil conseguir despertar o interesse de um menino ou menina numa coisa ou noutra. O objetivo mais forte dos pais devia ser conservar os filhos ocupados e interessados em casa.

Os jovens precisam de um lugar feliz, onde seus amigos sejam bem-vindos. Precisam de ser vigiados. Precisam que os pais estejam interessados.

(Conclui na página 52)

VAI SER MAE?



DELIVRANCINA

É o medicamento das Parturientes. Prepara o organismo para um parto feliz. Evita o Aborto, Vômitos, Enjôos, Cansaços. Seu uso é providencial durante toda a gravidez.

NAS FARM. E DROG. E LABOR. SIMÕES
RUA DO MATOSO, 33 - RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSVAL

ELIXIR DAS DAMAS

Prolonga a vida da mulher.
Um cálice às refeições REGULARIZA E EVITA
OS SOFRIMENTOS PERIÓDICOS.

DR. PAULO PERISSE

Chefe S. Proct. H. Galtée Guinle
VARIZES

e suas complicações — Úlceras, eczemas, inchagões, etc.

Hemorroidas sem operação.

DOENÇAS ANO-RETAIS

Edifício Martinelli

Fones: 28-4531 e 52-0251

Av. Rio Branco 108-10.º sala 1006

Diariamente das 14 às 18

Dr. José Murta

CLÍNICA MÉDICA

CONSULTÓRIO:

Rua do Ouvidor, 183 - 5.º andar

Salas 502 e 503 — Tel. 23-3525

3as. 5as. e sáb. das 14 às 18 horas

RESIDÊNCIA:

Rua Mário Pedernolas, 11-Apt. 201

Tel. 26-6146

BOTAFOGO



Uma Especialista

de Beleza não poderia fazer mais

- Debaxo de toda epiderme existe uma pele interna, fresca, jovem e livre de defeitos. Faça surgir essa beleza oculta, começando a usar Cera Mercolizada. Vale por um tratamento de beleza.

CERA MERCOLIZADA



PRODUTOS
DEARBORN

SE GALAS, ÉS CULPADO

FOTO-ROMANCE de ADA SALVI

XV CAPÍTULO

RESUMO DO CAPÍTULO ANTERIOR: JOHN, O CRIADO FIEL DE PAOLA, VAI BUSCA-LA NA PRISÃO. MAS, DIAS DEPOIS, UM NOITE ENCONTRA-A CADA NO DIVAN, EM MEIO A MANEJAS DE SANGUE.



— Mas é preciso chamar alguém, fazer parar a hemorragia... Uei, Senhor! Senhor! talvez, talvez não esteja morta... bombardeia, por caridade!

406



— Deus meu! contente que não tenha mais encontros...

MAS APENAS JOHN SE AFASTA EM BUSCA DE SOCORRO, PAOLA LEVANTA-SE, TIRA O "PERIGNON" E PRECIPITA-SE PELA RUA. O CORAÇÃO BATE-LHE LOUCAMENTE NO PEITO. ENTÃO CONSEGUIU REPRESENTAR BEM A SUA COMÉDIA?

407



JOHN VOLTA AO QUARTO ACOMPANHADO DE LORENZALIA

— Mas onde está a morte?

408



— Não pode ter fugido... estava lá! Não sangrou nada...

— Sangue? Olla, aqui o que é...

409



— Ah! canalha!

— É tinta vermelha...

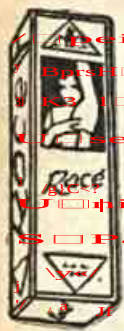
JOHN RECEBE DAS MÃOS DE LORENZA UM VIRENHO

410



— Conseguiu enganar-me? Logo agora que eu tinha conseguido arranjá-lo tudo tão bem!

411



O pelo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pelos superfluos não use lâminas ou navalhas, use **RAGE**, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó, perfumado. Elimina com incrível rapidez os pelos incômodos. A venda nas boas perfumarias.



OS VICIOS DOS JOVENS COMEÇAM EM CASA

(Conclusão)

tejam em casa, quando eles estão. Pois no lar começa toda a tragédia do adolescente.

PARA OS PAIS SE EXAMINAREM

Oito pontos importantes:

- 1) — Ajudem seus filhos a terem manias inocentes e distrações que os conservem em casa.
- 2) — Tratem bem os amigos deles, procurem diverti-los.
- 3) — Tomem conta das suas filhas, onde elas forem.
- 4) — Procurem sempre saber onde é que seus filhos estão de noite.
- 5) — Exijam que as encomendas de bebidas sejam feitas por pessoa adulta, em sua casa.
- 6) — Observem se seus filhos não estão comprando coisas e botando na conta.
- 7) — Informem-se bem a respeito da guarda de crianças que vocês contratarem, e se a sua filha for servir num emprego assim, tomem informações sobre a casa.
- 8) — Cuidado com os indesejáveis da vizinhança!



ela voltou para casa. Por um momento, a história terminou. Mas é ainda muito cedo para isso.



JARDIM ONDE SE EScondeu PAOLA, DESERVA AS JANELAS DO "MOCAMBELO" MADRUGADA, A LUZ QUE AÍLLA ACUSA NO SEU QUARTO E APARECE LOGO DEPOIS, OUTRA JANELA LUMINA.

414



PAOLA LONGA ESPERA ANSIOSA, PAOLA DESERVA O GRANDE JARDIM, PULA DE NOVO O MURO PELO LADO OPOSTO AQUELE POR ONDE ENTROU.

415



polícia me descobre, não é não, porque nunca Carlo que não menti...

ENFRENTA CORAJOSAMENTE A DURA EXPERIÊNCIA, MAS ESTÁ DESANIMADO COM O SEU ESTADO A SUA SITUAÇÃO, O FUTURO É UM OBSCURO.

418



Se encontrasse aquela moça, conseguiria a dizer-me a verdade. Carlo teria que acreditar em mim, ou, pelo menos, ouvir-me...

419

...ela em carne e osso. Há quanto tempo! Onde andaste todo esse...



420

PAOLA PROCURA LIBERTAR-SE DELE PARA PEDIR SOCORRO.



421

Continua

TRADIÇÃO

ÁGUA INGLESA GRANADO

TÔNICA-APERITIVA

NAS CONVALESCÊNCIAS

FORTIFICANTE

Ela olhou-o suplicantemente.

— Não é justo que me atormentes assim, — balbuciou, repelindo as lágrimas que lhe punham os olhos. Tinha a impressão de que uma imprevista ameaça, uma grave escandalo, descesse sobre aquela noite no qual vivia havia quinze dias, e no qual os acontecimentos se tinham sucedido tão rápidos, novos, extraordinários, a ponto de não lhe darem quase mais tempo para refletir: a festa íntima e, no entanto lustrada, do noivado, as visitas do noivo, os seus presentes, as flores com que lhe enchia a casa, os afazeres do ensaio, aquela excitação contínua em toda a família vivida e da qual era ela o centro...

— Como se chama esse noivo?

— Giannetti... Engenheiro Emilio Giannetti.

Pietro arqueou o lábio inferior numa expressão de desprazo.

— Nunca ouvi falar.

Ficou de cabeça curvada. Invadira-o um cansaço, um descontentamento profundo de si mesmo, um tédio da vida, um aborrecimento especial, um desencorajamento frio diante do futuro, que era uma coisa que necessitava de não viver mais, um desejo de morrer... E que todas as coisas morressem com ele!... Chamou o garçon com um sinal, pagou, depois de olhos baixos, com voz desinteressada, e como que despegada de tudo:

— Então... que queres que eu te diga?... Se as coisas estão a esse ponto... se esta deve ser a nossa despedida, está bem, adeusinho e felicidade!

Desorientada por essa imprevista solução, ela se abateu por um momento, como se as forças a tivessem abandonado. Não ousou levantar-se logo, não o tinha mesmo podido, embora sentisse quase vontade de fugir. A atitude dele, embora compreendesse que se tratava não de amor desiludido mas tão somente de amor próprio ferido, aflição e humilhação, parecia acusá-la de ingratitude e de egoísmo. Claro que ele fora o primeiro, o único, mesmo, em tantos anos, a prestar-lhe atenção, a elogiá-la, a achá-la bonita, desejável, mulher. Tomara-a, sem amá-la, essa era a sacrossanta verdade. Fora para ele uma aventura, e ela imaginou como seria a situação naquele momento se fosse ele, e não ela, que estivesse para casar. Não lhe teria permitido nem uma palavra de queixa, de lamento, de protesto. "Tu sabias bem, que eu não poderia casar contigo!" teria dito ele. E ela nem o deixaria dizer isso. Cumprimentaria-o com tantas palavras gentis, ter-lhe-ia prometido conservar sempre uma boa lembrança dele, não esquecê-lo nunca, e depois teria ido embora depressa, para chorar sozinha. O último adeus teria sido um sorriso trêmulo de lágrimas, mas afetuosos, amigáveis, e talvez até de ternura. Não eram mais crianças, ambos, conheciam as durezas da vida, sabendo que não se pode fazer sempre o que se quer e que os seres, cedo ou tarde, após terem caminhado um trecho da estrada juntos, devem separar-se! Afinal ela era mais velha do que ele, ele tão jovem, tão ágil de corpo quanto de espírito, sabe Deus que futuro lhe estava reservado!... Por que ficar despedida, como se fosse uma moça abandonada e traida?... Por que não se deixarem com um franco aperto de mão, votos sinceros, por que não se separarem como amigos?...

— Por que?...

Ele não respondeu e ela sentiu-se mais que nunca aflita, como se, tanto enriquecido oferecesse esmola a um amigo do tempo da miséria, que se mantivesse pobre e soberbo. Tinha a impressão de estar cometendo uma injustiça e permaneceria com ele, perder-se-ia talvez, com ele, se não fosse uma força possante e misteriosa que sentia, e que a separava dele, que a empurrava para outro destino...

Como fazer agora para não lhe mostrar uma pressa que lhe pareceria escandalosa e ofensiva? Ergueu-se timidamente, estendeu-lhe a mão, sorriu-lhe com um sorriso forçado e implorante.

— Fiquemos amigos, peço-te...

— Adeus, — disse ele com dura gravidade. E negou-lhe a mão.

Levantou-se, abriu a porta de vidro do pequeno café, e deu-lhe passagem, de olhos baixos, depois tirou o chapéu, mas não apertou a mão que ela lhe estendia mais uma vez.

— Não, — disse ainda com um rancor gelado. — Isso não é maneira de agir, Adeus.

Ficou-se a olhá-la enquanto ela se afastava. Primeiro ela caminhou devagar, com uma espécie de dificuldade, de embatido, mas depois apressou o passo e ele achou que ela caminhava como uma prisioneira libertada. Teve a impressão de vê-la respirar profundamente, com alívio, com alegria, e de que o seu rosto se iluminava com um sorriso. Um homem que vinha na sua direção virou-se para olhá-la, repetidamente. Certamente naquele instante devia estar lindíssima...

Quando ela sumiu numa esquina, Pietro deu um passo para segui-la, mas depois voltou atrás. Sentia-se fraco e confuso, e não sabia onde ir.

(Continua no próximo número).

decoração

O A B C DA DECORAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DOS VASOS DE FLORES

A ornamentação por meio de flores, é muito antiga, e acompanha a história do mundo através das quadras e pinturas dos velhos mestres. O que fazemos de novo é procurar a originalidade, no balanço, nas cores e na harmonia.

Os arranjos de flores são classificativos, conforme a sua composição, em vários estilos: — Clássico ou Grego, Medieval, Francês, Flamengo, Renascença, Vitoriano, Colonial e Moderno.

O estilo do arranjo é classificado pela massa, ou volume e cor. A origem desta classificação é europeia, pois ela conta a sua história por meio da pintura, escultura, arquitetura, cerâmica, música, e literatura.

O estilo Clássico refere-se aos gregos, os quais foram os primeiros a realizarem o culto da beleza. Este estilo expressa simplicidade, na perseguição da simetria. Os recipientes em forma de urna e as flores escolhidas os lírios e as palmas. As linhas são triangulares, pontiagudas, saindo em botões, palmas, ou folhas em cada lado, podendo ainda ter uma cor forte e brilhante.

Medieval: — É destinado às igrejas e acompanha o próprio estilo destas, que é o gótico ou o romano (barroco). Quanto à arrumação de suas linhas e formas, o gótico, por exemplo, deve ter linhas ovais e o romano, volutas, mais apropriadas para as linhas curvas do estilo.

Renascença: — Este período começou na Itália, no Século XIV, tendo o seu apogeu nos meados do Século XVII. Os vasos para estes arranjos devem ser de bronze, mármore, marfim pesado, venezianos, e mesmo de vidro. As cores devem ser quentes com tons verdes, e azuis, sendo que ali as flores combinam-se com frutos. Dá-se a esta composição a ideia de muita riqueza, que vem dos desenhos e tecidos daquela época.

Para melhor classificar o período Flamengo podemos chamá-lo de Realismo. As flores, neste período, eram colocadas nos vasos com variedade e sem classificação. Os recipientes eram de preferência de bronze e por vezes de outro metal. Juntavam a estes arranjos objetos tais como borboletas, pássaros, ninhos com ovos, etc. As caracteris-



o LAR

(Colaboração de YEDA FONTES)

tas mais acentuadas deste período são as linhas e os acessórios. Hoje devemos copiar estes arranjos para serem colocados nos jardins de inverno.

Os arranjos Franceses são mais formais. Classificam-se pelas cores em tom pastel e formas delicadas. Os recipientes escolhidos são as porcelanas finas de Sévres, ou outra qualquer, de porcelana antiga, as urnas de bronze, e os alabastrinos. Procuram-se sempre seguir as linhas do vaso. As flores escolhidas devem ser rosas, lilases, bluet, e todas aquelas consideradas finas.

Colonial: — Este estilo é derivado do Francês, com as mesmas cores pastel, mas arranjos menos formais; os recipientes podem ser de cristal.

O Georgiano (Inglês) é influenciado pela época dos artesãos e dos fabricantes de móveis do século XVIII, tais como Adams, Hepplewhite, Chippendale e outros. As plantas aparecem em quase todas as salas, e as flores são arrumadas em pratos baixos e colocadas entre castiçais. Os recipientes eram de cristal, porcelana ou prata. As linhas dos arranjos eram formais, com objetos ricos adicionados e flores consideradas finas.

Vitoriano, é a essência do século XIX. O maior mérito deste período foi a iniciativa que trouxe a afetação do pseudo-chinesismo, com os seus sofás de almofadas de crina e com medallions e flores grandes. As cores eram escuras ou claras. As flores eram dispostas entre os galhos flamejantes das formas vitorianas. Os recipientes eram urnas de alabastro, de porcelana e bronze.

O estilo Moderno, no que se refere à França, está sob a influência dos artistas Cézanne, Renoir e Matisse, que marcaram o caminho. Suas características são as formas e as cores das plantas. Existe o audacioso contraste de cores e linhas nas formas do conjunto. As linhas aerodinâmicas da composição dos detalhes dominam este período. Os recipientes são aqueles que servem no momento.

Contemporâneo, é justamente o atual, com os desconfortos da época, e mais todos os estilos existentes até o momento. Os recipientes são variados, usam-se até mesmo a latinha e o pote de barro, desde que estes nos deem um "arranjo". A perfeição dos arranjos tropicais brasileiros de Roberto Buile Max nos dá bem uma ideia de um estilo que mais tarde deverá ser considerado como Estilo Brasileiro.

Um original centro de mesa, feito com algumas algas marinhas. A mesa está coberta com uma tarrafa e com legítimas estrelas do mar, e os biscoitos que servem de cruzeiros. É um bonito arranjo para uma "piscada".

O segredo de sua mocidade!...



EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à cor natural.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Experimente a nova fórmula do LEITE DE ARROZ BISCUIT, aperfeiçoada segundo os mais modernos métodos da ciência. Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ BISCUIT pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó-de-arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ BISCUIT. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante Vinho Chico Mineiro, que conservará o seu porte elegante. A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA:

RUA DIRETA, 191 — 6º andar — SÃO PAULO
Remessa pelo Recômbio Postal

-Meu filho
sempre pede mais...

Pão com Margarina

Saude

Sim! E seu filho também gostará
do delicioso sabor natural da Margarina

SAUDE!... Puriíssima e nutritiva

na mesa ou na cozinha,

Margarina **SAUDE** é complemento

indispensável ao bom paladar!

Excelente para fazer panquecas,

bolos, etc... Margarina **SAUDE**

é um produto de

qualidade **ACCO!**

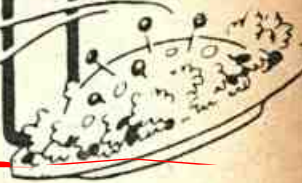


Cada guilo de Margarina **SAUDE** con-
tém 20.000 unidades de vitamina "A"

ANDERSON, CLAYTON & CIA.
LIMITADA



CULINÁRIA de BOM GOSTO



O Prato Nacional

FEIJÃO DE LEITE

Cozinhe o feijão mulatinho, ou prato, já pisado ou moído no pilão a-fim-de desprender-lo da película que o envolve. (Neste processo preliminar, caso se queira desprezar a película ou casca do feijão, é preciso passá-lo, depois de pisado, na urupema).

Em seguida, adicione quantidade suficiente de leite de côco para dissolver a massa, um pouco de sal e açúcar e, finalmente, leve-o ao fogo até tomar ponto. O feijão de leite misturado com farinha é servido, na Bahia, com bacalhau cozido, assado ou ensopado, ou garoupa, ou ainda, com qualquer outra espécie de peixe. (Tirado de "A Arte Culinária na Bahia", de Manoel Querino).

O Prato Estrangeiro

SALMÃO COZIDO, A ESCOCESA

Peque uma boa posta de salmão e ponha-a de molho em água quente que dê para cobri-la. Depois leve-a ao fogo baixo até cozinhar. Junte o sal e conserve o salmão no fogo até ficar bem maduro (naturalmente o tempo exigido para isso dependerá da grossura da posta). Escorra-o e arrume-o num prato rodeando-o com ervilhas frescas, batatas estarinhas, pimenta e um pouco do caldo em que o peixe foi cozido, mas ao qual se junta um pouquinho de vinagre. Também pode arrumá-lo num prato forrado com folhas de alface e enfeite ao redor com agnito e pepinos cortados bem fino. Cubra-o então com maionese sobre a qual arrumará camarões cozidos, ovos duros e tomates.

Gentilmente convidadas pela Sra. Carvalho fomos até apartamento na rua Abade Ramos a-fim-de assistir a uma de suas aulas de culinária. Com sua permissão reproduzimos aqui um prato artístico por ela mesma ideado e que será interessantíssimo para as leitoras que pretendam uma festinha.

BORBOLETA DE SANDUICHE

Criação de Mme. Carvalho

Ingredientes: — 3 pães de sanduiche cortados ao comprimento; 2 ameixas pretas; 1 beterraba cozida com casca; tomates cortados em tiras finas; maionese; 250 gr de castanhas grandes, cozidas em água e sal e cortadas ao comprimento. (Na falta destes, use uma cenoura grande, cortada em tiras finas). Algumas azeitonas pretas e 2 bigodes de camarão.

Passo para os recheios: — 1) — pão desmanchado com 1 colher de sopa de leite e misturado com azeitonas pretas picadas; 2) — pressurizada misturada com 1 colher de sopa de leite e com azeitonas verdes picadas; 3) — queijo Club amassado com 1 colher de sopa de leite e tomates esmigalhados.

Crema de beterraba: — 1 xícara de leite; sal a gosto; 1 pirete de queijo parmesão ralado; 1 beterraba crua, pequena, ralada e espremida num guardanapo. Misture tudo muito bem e junte 1 colher de sopa, rasa de maizena. Leve ao fogo e mexa bem até engrossar.

Maionese feita com 2 gemas cruas e 1 cozida e de leite de leite que fique com a consistência de manteiga.

Antes de começar o trabalho, deseje uma borboleta grande que possa ser armada sobre uma bandeja de madeira forrada com papel laminado, ou melhor um bonito prato de prata ou de ouro. Desentoe a borboleta pondo grandes olhos nas asas superiores e tirinhas menores nas inferiores. Partindo do centro, do corpo, marque uns pontos em leque nas 4 asas. Passe o dedo para uma folha de cartolina e corte as asas superiores em 6 partes, para ou menos. Faça o mesmo com

as inferiores e com o corpo, de modo a obter sanduiches de tamanho regular (se quiser mais pequenas, terá de dividir as asas de modo diferente). Tenha o cuidado de marcar cada pedaço de cartolina a-fim-de facilitar a recomposição da borboleta.

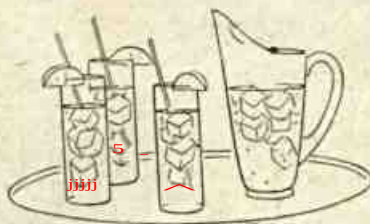
Isso feito, pegue uma tesoura grande e afiada e recorte os sanduiches usando os moldes. Ficará bem recortado três camadas de sanduiches para as asas superiores e apenas duas camadas para as inferiores.

Recheie os sanduiches com as pastas 1, 2, 3 e arrume-os num prato, ou bandeja grande, forrado com um guardanapo rentado, de celofane, na seguinte ordem: 1.º, o corpo, em seguida as asas superiores e depois as inferiores. Depois de arrumados os sanduiches, recubra as asas de cima com maionese e contorne-as com tiras de tomates crus. Faça os raios das asas também com tiras de tomates. Os grandes olhos devem ser feitos com duas ameixas pretas. Nas asas de baixo espalhe o creme de beterraba e contorne com azeitonas pretas, cortadas em tirinhas. Os olhos serão feitos com rodela de beterraba. Cubra o corpo da borboleta com os camarões grandes, ou cenouras e faça a cabeça com um camarão enroscado. Os bigodes do camarão são ajustados para que finjam as antenas.

RECHEIO, PARA FRANGO OU GALINHA, FEITO COM CASTANHAS DO PARA

3 colheres de sopa de manteiga; 2 colheres de sopa de cebola picada; meia xícara de alho bem picado; 1 xícara de castanha do Pará, picadas; 3 xícaras de miolo de pão dormido; 1 colher de xá de sal; 1 pitada de pimenta.

Derreta a manteiga numa frigideira. Junte a cebola, o alho e as castanhas do Pará e leve a fogo baixo até a cebola cozinhar. Junte o miolo de pão e os temperos e mexa até estar tudo muito bem misturado. Assim terá um gostoso recheio seco para aves, mas, se preferir úmido, basta juntar um copo de xícara de água ou caldo.



OUÇAM, AS SEGUNDAS-FEIRAS, DAS 14 AS 14.30 NA SUA PRAÇA, RADIO MAYRINK VEIGA, O PROGRAMA INTITULADO "CULINÁRIA DE BOM GOSTO" SOB O PATROCÍNIO DOS "PRODUTOS SAÚDE".

CANTINHO DA RECÊM-CASADA

UMA TORTA DE MAÇAS

Uma colher de sopa, bem cheia, de manteiga; uma colher de sopa de açúcar; uma colher de sopa de água.

Misture o açúcar com a manteiga e a água e vá juntando farinha de trigo até obter uma massa branda e fácil de enrolar. Unte um prato pires e fôrre-o com a massa (abra-a com o rolo até dar, mais ou menos o tamanho do prato ou forma). Descasque e pinte duas maçãs em rodéis bem finas. Arrume essas rodélias de maçã sobre a massa, polvilhe com açúcar e leve a assar no forno, depois de ter distribuído sobre o açúcar pequenas bolinhas de manteiga.



GATEAU AU CHOCOLAT

3 grossas barras de chocolate; 1 e meia colher de sopa de manteiga; 1 e um quarto xícara de açúcar (125 gr); 1 colher de sopa, cheia, de maizena; 2 ovos.

Posha o chocolate numa panela com 2 colheres de sopa de leite e deixe derreter em fogo baixo. Enquanto isso, trabalhe a manteiga numa vasilha aquecida, misturando-a com o açúcar até que forme uma pasta lisa. Junte as gemas, o chocolate derretido, a maizena e, por último, as 2 claras em neve. Despeje tudo numa forma de uns 20 cm, mais ou menos, untada com manteiga e que só deve ser encheda até um terço da altura. Leve ao forno quente por 20 ou 30 minutos.

Da gentil leitora de Belo Horizonte recebemos, entre outras, esta interessante receita:

REFOLHO DE FORNO

Ingredientes: — 1 repolho; 2 ovos; sal e pimenta; 2 colheres de sopa, bem cheias, de bacon cozido e picado; 2 colheres de sopa de leite; 1 colher de sopa de manteiga.

Modo de fazer: — desfolhe o repolho e leve-o a cozinhar com bastante água com sal. Retire-o depois de cozido, parta-o em pedacinhos e, apertando-o bem, esorra toda a água. Junte então a manteiga, o leite, o bacon, os temperos e os ovos bem batidos. Misture bem e arrume num prato untado com manteiga. Leve ao forno até ficar dourado por cima, o que conseguirá mais depressa se espalhar na parte superior algumas bolinhas de manteiga.

PUDIM DE PÃO COM MAÇAS

4 pãozinhos de 40 centavos; 4 maçãs picadas (ácidas); 4 ovos; 2 ou 3 xícaras de açúcar; 1 pacotinho de passas; 200 gr de manteiga. Posha o pão de molho em água, depois de descascado. Esprema-o e desmanche-o bem e, finalmente, passe-o pela peneira. Junte as gemas com o açúcar e bata bem (operação esta feita à parte). Acrescente a manteiga à mistura de gemas e açúcar e só então, junte o pão desmanchado, as maçãs e as passas. Bata as claras em neve e adicione-as à massa. Leve a fôrmo moderado, em forma bem untada, por mais ou menos 40 minutos. (Receita de Doyle Steinberg)

TAÇAS DE BANANAS

Três quartos de xícara de caldo de laranja; meia xícara de grape-fruit; 3 bananas; açúcar a gosto.

Posha o caldo de laranja e o do grape-fruit para gelar. À parte, descasque e corte em rodélias as bananas, o que deverá ser feito quase na hora de servir. Arrume as bananas em taças e por cima despeje o caldo de laranja e o de grape-fruit que já devem estar misturados e adoçados. Esta porção dá para 4 pessoas.

PASTELINHOS COZIDOS E RECHEADOS COM FRUTAS

1 batata cozida e passada no processador; 300 gr de farinha de trigo (mais ou menos 3 xícaras rasas); 1 ovo; 50 gr de manteiga (mais ou menos 1 colher de sopa); leite quanto baste.

Posha a batata, cozida e passada no processador, dentro de uma vasilha e acrescente a farinha, o ovo e a manteiga. Em seguida, vá unidocendo a massa com o leite. Trabalhe longamente até ficar tudo bem misturado. Amasse um pouco e depois deixe a massa descansar num prato à beira do fogo (ou sobre a tampa de uma panela). Enfarinhite a mesa mármore, abra a massa com o rolo também enfarinhado e corte em pequenos pastéis que são recheados com frutas picadas. Finalmente, jogue-os um a um dentro de uma panela com água fervente e assim que vierem à tona, estarão cozidos. Retire-os com escumadeira, ponha-os no coador e arrume-os num prato. Sirva-os polvilhados com açúcar e canela. — (Receita de Wanda de Assis).

Kathryn Grayson — estrela da Metro — com sua filha Patricia Kathryn.





PÃO INTEGRAL COM TÂMARAS E NOZES

1/2 xícara de tâmaras picadas

1/2 xícara de farinha integral

1/2 xícara de água quente

1 colher, de sopa, de gordura

1/3 de xícara de açúcar

1/2 colher, de chá, de canela em pó

1 ovo

3/4 de xícara de farinha de trigo peneirada

1 1/2 colheres, de sopa, de fermento em pó

1/2 colher, de sopa, de sal

1/4 de xícara de nozes picadas

Amasse as tâmaras e a farinha integral em água quente. Bata juntos o açúcar e a gordura. Acrescente o ovo e continue a bater bem. Peneire juntos os ingredientes secos; acrescente as nozes picadas. Junte tudo, à mistura. Unte uma forma de pão e ponha a massa. Asse em forno moderado, pré-aquecido, durante cerca de 40 minutos.

(Kellogg - TRANS WORLD)

Copacabana

COLONIA



A FRAGRANCIA DA
PRAIA

UM PRODUTO V. C. L.
INDÚSTRIA BRASILEIRA

